

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ  
SETOR DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES  
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA

A FORMAÇÃO DE GRUPOS DE DOMINAÇÃO

Dissertação de Mestrado  
Orientador: Prof. Dr. Brasil Pinheiro Machado  
Curitiba, Dezembro de 1979  
Rosita Cordeiro de Loyola

"Aspiramos ao conhecimento de um fenômeno histórico, isto é, significativo na sua singularidade".

(Max Weber)

## SUMÁRIO

1.	INTRODUÇÃO .....	1
2.	REFLEXÕES METODOLÓGICAS .....	3
2.1	Sobre o Tema e a Terminologia .....	3
2.2	Método .....	11
2.3	Quadro Teórico .....	17
2.4	Fontes de Pesquisa .....	22
3.	O NÚCLEO COLONIAL .....	26
3.1	Formação Histórica .....	26
3.2	A Cooperativa .....	33
3.3	Aspectos Religiosos .....	43
3.4	A Escola .....	54
3.5	Os Grupos de Dominação .....	61
4.	CONCLUSÃO .....	71
5.	INFORMAÇÃO BIBLIOGRÁFICA .....	74

## LISTA DE QUADROS

- Quadro 1. Média dos escores de percepção de legitimidade e aquiescência à autoridade em relação ao Conselho da Cooperativa, conforme dimensão da propriedade ..... 36
- Quadro 2. Dimensão da propriedade no núcleo colonial de Witmarsum. 1964-1979 ..... 41
- Quadro 3. Média dos escores de percepção de legitimidade e de aquiescência à autoridade em relação aos Conselhos das Congregações, conforme a frequência às sessões de culto.... 50
- Quadro 4. Médias de concentração do poder nos Conselhos das Congregações da Igreja Menonita e da Igreja Irmãos Menonitas, nas três fases históricas consideradas..... 53
- Quadro 5. Média dos escores de percepção de legitimidade e de aquiescência à autoridade em relação ao Conselho Escolar, conforme o nível de escolaridade ..... 60
- Quadro 6. Realização de maior importância no núcleo e seu responsável, conforme opinião dos membros deste ..... 66

## 1. INTRODUÇÃO

Neste estudo pretende-se realizar a análise da formação de grupos de dominação em um núcleo colonial, formado por imigrantes menonitas e seus descendentes, localizado no município de Palmeira, Paraná.

A análise está calcada na teoria de Max Weber, no que se refere a tipos de dominação.

Pode-se dizer que é um estudo empírico-teórico, apresentado como dissertação de Mestrado em História do Brasil, opção História Social.

Não se pretendeu o estudo exaustivo do núcleo colonial, como um todo, mas tão somente daquelas variáveis que vieram a se constituir de importância fundamental para a análise dos grupos de dominação.

A escolha do tema prende-se à necessidade, hoje, na Universidade Brasileira, de análises empírico-teóricas e, da possibilidade que "os tipos ideais" de Max Weber

oferecem como instrumentos teóricos, para estudos dessa natureza.

Pela própria flexibilidade por esses instrumentos oferecida, não se pretende o enquadramento de uma situação histórica em um quadro teórico fechado, mas tão somente dar continuidade a um processo de análise sistemática realizada hoje por cientistas sociais.

Certamente todo este estudo não poderia ter sido realizado sem a cooperação do povo de Witmarsum e em especial do Diretor-Presidente e dos funcionários do escritório da Cooperativa, do Diretor e da secretária da Escola Fritz Kliewer, dos senhores Peter Pauls Jr. e Jacob Dück, secretários dos Conselhos das Congregações.

Os agradecimentos ao Prof. Dr. Brasil Pinheiro Machado, pela sua orientação sempre pronta e segura se estendem também a todos que de certa forma participaram deste trabalho.

## 2. REFLEXÕES METODOLÓGICAS

### 2.1. Sobre o Tema e a Terminologia

Este trabalho representa uma tentativa de análise da realidade com base em um quadro teórico; uma procura de síntese ou de harmonização de um estudo histórico e um quadro teórico sociológico. É conveniente que se verifique entretanto, as implicações metodológicas e epistemológicas que um estudo dessa natureza traz em si.

O tema da pesquisa é a análise da formação de grupos de dominação em um núcleo colonial, no Estado do Paraná. O núcleo é de formação recente, tendo sua implantação sido iniciada em 1951.

Trata-se de um estudo no campo da História Social, entendida aqui, não em um sentido amplo, mas, de análise de uma estrutura social dada com limites cronológicos restritos. Isto certamente a diferencia de outros ramos da História, como a Econômica e a Demográfica, que exigem movimentos de duração mais longa para análise. (1)

---

(1) CARDOSO, Ciro Flamarion S. e BRIGNOLI, Héctor Perez. Os métodos da história. Rio de Janeiro, Graal, 1979. p.357.

Coloca-se ainda este trabalho, no campo da "História imediata", que pressupõe a possibilidade de se interrogar, pelo menos uma parte dos atores e testemunhas do período considerado; ou seja, uma história viva, de uma sociedade contemporânea.<sup>(2)</sup> Porém, não se propõe, a uma aplicação teórica do materialismo histórico, ou a uma tomada de consciência pelo historiador de uma situação crítica, engajada em uma prática revolucionária<sup>(3)</sup> como se verifica em grande número de trabalhos dessa natureza. Portanto, não se enquadra no que se denomina geralmente, síntese histórica, dentro de um quadro próximo à conotação materialista histórica, atribuída em geral à história imediata, e à história social.

Quando se diz que o estudo é uma análise da realidade com base em um quadro teórico, tem-se consciência das operações lógicas que o termo (análise) geralmente denomina:

- a identificação dos elementos do todo;
- a relação que demonstram entre si;
- e a formulação e explicação, ou seja, a sua referência a um quadro teórico; a sua análise teórica, enfim.<sup>(4)</sup>

---

(2) VERHAEGEN, Benoît. Introduction à l'histoire immédiate. Gembloux, Belgique, Duculot, 1974. p.68.

(3) Ibid. p.156

(4) CARDOSO, Ciro Flamarion S. e BRIGNOLI, Héctor Perez. Os métodos da história. Rio de Janeiro, Graal, 1979. p.430.

Esta proposição de relacionar um quadro teórico com observações empíricas, oferece a possibilidade da confluência da teoria com a realidade, onde, certamente se encontra a trilha do trabalho científico. Os problemas teóricos dirigem o estudo de fatos assim como estes, servem para reavivar a teoria.

O núcleo colonial a ser estudado, denomina-se Witmarsum, e é constituído por imigrantes de cultura germânica e seus descendentes, de seita religiosa Menonita. Está localizado no município de Palmeira, próximo à Curitiba, mais exatamente no 2º Planalto Paranaense.

Os colonos fixaram-se ali, a partir do ano de 1951, provenientes do desmembramento do núcleo Krauel, situado em Santa Catarina.

A princípio, a repartição de lotes distribuídos nas 5 aldeias que compõem o núcleo, a formação de uma cooperativa agro-pecuária, a ocupação similar dos membros (agricultura e pecuária), dava ao núcleo a aparência de sociedade homogênea; mas, apresentava já em 1967, sinais de estratificação. (5) Mesmo assim, conservava uma de suas características iniciais: uma dinâmica social interna.

---

(5) BALHANA, Altiva P. et alii. Campos gerais; estruturas agrárias. Curitiba, Universidade Federal do Paraná, 1968. p.179.

O estudo visa, portanto:

- verificar a formação de grupos de dominação, em uma sociedade fechada e inicialmente homogênea;
- analisar as bases em que se processa a dinâmica social, a partir desses grupos.

Partindo do que foi exposto, tem-se como hipótese da pesquisa: Os grupos de dominação, em núcleos coloniais socialmente homogêneos, formam-se a partir de diferenciação econômica.

Entendendo-se, por hipótese, uma abstração, verificável empiricamente, aplicável a um conjunto de observações<sup>(6)</sup>, observações essas referentes aqui ao núcleo colonial de Witmarsum.

Embora possa parecer, esta hipótese de pesquisa não entra em desacordo com o quadro teórico de análise, como se poderá verificar adiante.

A denominação dada ao grupo, para fins de análise, núcleo colonial, é proposital, procurando-se evitar o uso do termo "comunidade", pelas implicações que este último possui na literatura sociológica e antropológica brasileira. Deve-se notar que o grupo se auto denomina simplesmente, Witmarsum.

---

(6) CARDOSO, Ciro Flamarion S. e BRIGNOLI, Héctor Perez. Os métodos da história. Rio de Janeiro, Graal, 1979. p.433.

Afora as divergências quanto à conceituação do termo comunidade, este é usado, em geral, para referir-se a uma área delimitada cujo âmbito é determinado pelo grau de relacionamento entre seus membros.<sup>(7)</sup> Os enfoques teóricos adotados nesses estudos são, em sua maior parte:

- a comunidade como base para compreensão das relações sociais mais amplas, isto é, as que se referem à sociedade;<sup>(8)</sup>
- extravasar o conhecimento dos fenômenos reconstruídos em generalizações ambiciosas;<sup>(9)</sup>
- de caráter antropológico e restrito a comunidades indígenas;
- os que procuram verificar a integração de grupos de estrangeiros na sociedade brasileira.<sup>(10)</sup>
- e ainda os que se dedicam ao estudo das comunidades utópicas.

---

(7) NOGUEIRA, Oracy. Os estudos de comunidades no Brasil. Revista de Antropologia, São Paulo, 3(2):95-103, dez. 1955. p.95.

(8) MOREIRA, Maria Sylvia Franco. O estudo sociológico de comunidades. Revista de Antropologia. São Paulo. 11(1 e 2):29-39, jun. e dez. 1963.

(9) IANNI, Octávio. Estudo de comunidade e conhecimento científico. Revista de Antropologia, São Paulo, 9(1 e 2):109-119, jun. e dez. 1961. p.111.

(10) PRETTO, Hermelina Maria. O problema da escola brasileira numa comunidade holandesa de São Paulo. Revista de Antropologia, São Paulo, 1(1):29-33, jun. 1953.

Assim; para evitar essas conotações geralmente atribuídas ao termo em trabalhos científicos no Brasil, optou-se pelo uso do termo núcleo colonial, desde que não se pretende nenhuma das implicações acima citadas.

O termo núcleo colonial é usado em consonância com o Decreto-Lei nº 2009 de 9 de fevereiro de 1940 (Getúlio Vargas), que diz no seu artigo 1º:

"Núcleo colonial é uma reunião de lotes medidos e demarcados formando um grupo de pequenas propriedades" (11)

E ainda, em artigos de periódicos, quando da formação do núcleo:

"... a prova disto tivemos há dias, quando nos foi possível visitar um núcleo colonial que se estabeleceu em pleno campo, nas imediações de Palmeiras. Trata-se de toda uma coletividade que para cá se transportou vinda de um estado vizinho..."(12)

Deve-se diferenciar "nucleo colonial" de "Colônia agrícola", que tinha, pelo menos na legislação em vigor (1951), uma conotação diversa (Decreto-lei nº 3059 de 14 de fevereiro de 1941 (Getúlio Vargas) art.1º):

"Além dos núcleos coloniais a que se refere o decreto-lei nº 2009, de 9 de fevereiro de 1940, o Governo Federal, em colaboração com os Governos estaduais e municipais e todos os órgãos da

---

(11) DEMORO, Luis. Coordenação de leis de imigração e colonização do Brasil. Rio de Janeiro, Inst. Nac. de Imigração e Colonização, 1960. p.202.

(12) ZIMMERMANN, H.P. O Paraná, grande atrativo para a colonização. O Estado do Paraná, Curitiba, 14 maio 1953. p.9 c.2

administração pública federal e por intermédio do Ministério da Agricultura, promoverá a fundação e instalação de grandes Colônias Agrícolas Nacionais, as quais serão destinadas a receber e fixar, como proprietários rurais, cidadãos brasileiros reconhecidamente pobres que revelem aptidão para os trabalhos agrícolas e excepcionalmente, agricultores qualificados es trangeiros". (13)

Portanto, sendo na categoria de núcleo colonial que se insere Witmarsum, de acordo com a legislação em vigor quando da sua implantação, optou-se por esta denominação.

Quanto ao tema em si, ou seja, a formação de grupos de dominação, não toma por pressuposto a intensificação da desigualdade no grupo, ou seja, a heterogeneização do mesmo. A verificação da intensificação da desigualdade e suas implicações teóricas levariam a outra abordagem da problemática.

A análise da formação de grupos de dominação em pequenas comunidades (o uso deste termo se restringirá à revisão de literatura onde é empregado), tem sido desenvolvida, principalmente, nos Estados Unidos. Apresentam, as análises, grande variedade metodológica; métodos que têm sido revisados e criticados com rigor, nos últimos anos.

Em primeiro lugar, há que se verificar a existência de duas grandes problemáticas nesses estudos: a pri-

---

(13) DEMORO, Luís. Coordenação de leis de imigração e colonização do Brasil. Rio de Janeiro, Inst. Nac. de Imigração e Colonização, 1960. p.204.

meira diz respeito à terminologia empregada e a segunda ao método usado.

Quanto aos termos adotados são: poder e influência. O conceito de poder vem sempre impregnado de suas raízes políticas. Além de que, exercício do poder, e disposição para o poder, embora se refiram a situações diversas, são usados com o mesmo rótulo: poder.<sup>(14)</sup> Influência, tem nesses estudos, em geral, uma conotação mais sociológica.

Provavelmente, o grande debate entre os conceitos e o uso dos termos poder e influência, aconteceu entre Robert Dahl e Hoyd Hunter; o primeiro concebia "influência" como a forma de se tomar decisões entre as alternativas oferecidas, enquanto que Hunter usava "poder" como uma forma de influência em potencial. Robert Dahl,<sup>(15)</sup> acrescenta ainda a idéia de "recursos políticos" que seriam propriedades ou facilidades que podem ser transformadas em "influência".

A partir desta polêmica, os estudos que aparecem na literatura norte-americana sobre o tema, encontram-se divididos por esta questão terminológica.

---

(14) KADUSCHIN, Charles. Power, influence and social circles: a new methodology for studying opinion makers. American Sociological Review, Albany, N.Y. 33(5):685-99, Oct./1968. p.686.

(15) DAHL, Robert A. A moderna análise política. Rio de Janeiro, Lidador, 1970. 167p. Societas, 1.

Estas variáveis tomada de decisões e influência em potencial, tomadas em separado por grande parte dos cientistas sociais para análise dos grupos de poder ou de liderança em comunidades, aparecem, entretanto, nos mais recentes estudos, analisadas em conjunto como parte de um todo.<sup>(16)</sup>

Pode-se dizer também, que as variáveis utilizadas podem ser definidas a partir da abordagem teórica de cada autor. Assim, raça, economia, legalidade podem ser tomadas como determinantes. Provavelmente, as análises marxistas tenderão a concluir sobre a existência de poder nos grupos econômicos, pois serão econômicas as variáveis tomadas como determinantes no processo de pesquisa.<sup>(17)</sup>

## 2.2. Método

Quanto às abordagens metodológicas, propriamente ditas, parecem se dividir em duas grandes linhas: a elitista e a pluralista. A elitista tem sua posição firmada na idéia de que a vida em pequenas comunidades, é dominada por um pequeno grupo que mantém o poder econômico e político e na verdade, tem em si todo e qualquer processo decisório. A pluralista vê o poder distribuído em pequenos grupos sendo

---

(16) CLARK, Ferry Nichols. Community power. Annual Review of Sociology, Palo Alto, California, 1:271-95, 1975. p.27.

(17) CLEGG, Stewart. Power, theorizing, and nihilism. Theory and Society, Amsterdam, 3(1):65-87, Spring, 1966. p.68.

que a dominação passa de um grupo para outro, de acordo com necessidades da própria comunidade. (18)

John Walton (19) em uma análise comparativa de estudos de comunidade, concluiu sobre a tendência dos sociólogos em encontrarem mais frequentemente tipos de distribuição de poder "elitistas"; enquanto cientistas políticos encontram tipos "pluralistas" de distribuição de poder. Verifica ainda nesta sua análise que isto acontece pelo fato de que o método usado mais frequentemente pelos sociólogos é o de "reputação" do indivíduo na comunidade; enquanto os cientistas políticos se utilizam do método "tomada de decisão". Portanto, a rigor, estes estudos dividem-se ainda entre Hunter e Dahl, ou entre "poder" e "influência".

Parece haver uma ascendência da teoria de Max Weber em ambas as correntes. De acordo com Weber, poder é a probabilidade que uma pessoa ou um grupo tem de realizar sua vontade, contra uma força de oposição. A "elitista" encontra neste ponto a razão de ser de sua ênfase de análise no indivíduo, enquanto que a "pluralista" toma situações em que o poder de indivíduos ou grupos se faz sentir, ou seja, nas to

---

(18) PERRUCCI, Robert e PILISUK, Marc. Leaders and ruling elites: the interorganizational bases of community power. American Sociological Review, Albany, N.Y. 35 (6):1040-57, Dec. 1970. p.1040.

(19) WALTON, John. Discipline, method, and community power: a note on the sociology of knowledge. American Sociological Review, Albany, N.Y. 31(5):684-9, Oct. 1966.

madras de decisão. (20)

Além dessas abordagens existem alguns estudos recentes que tomam por base o "MPO ratio" sugerido por Amos Hawley; este método procura verificar o grau de concentração do poder através da computação do número de proprietários dirigentes e funcionários da comunidade em relação à sua força de trabalho. (21)

A formação dos grupos de liderança, o poder político propriamente dito (22) e a influência da Igreja (23) são variáveis amplamente usadas nos estudos de comunidade realizados no Brasil. No entanto, não existe uma distinção metodológica bem definida na literatura brasileira sobre o assunto.

Deve-se notar ainda, que o núcleo colonial forma uma cooperativa agro-pecuária. De acordo com a terminologia das ciências sociais, as associações cooperativas, com base

---

(20) PERRUCI, Robert e PILISUK, Marc. Leaders and ruling elites: the interorganizational bases of community power. American Sociological Review, Albany, N.Y. 35(6): 1040-57, Dec. 1970. p.1041-2.

(21) WILLIAMS, James M. The ecological approach in measuring community power concentration: an analysis of Hawley's MPO ratio. American Sociological Review, Albany, N.Y. 38(2):230-42, Apr. 1973. p.231.

(22) SALGADO, Fernando Carlos Fonseca. As colônias Bastos e Pedrinhas; estudo comparativo de Geografia Agrária. Presidente Prudente, Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras, 1971.

(23) PEREIRA, João Baptista Borges. Italianos no mundo rural paulista. São Paulo, Pioneira, 1974. 192 p.

nos princípios de Rochdale são chamadas: associações de co-  
operação contratual. Isto porque, as obrigações e benefícios  
de cada sócio são especificamente indicadas pelas normas da  
cooperativa. (24)

Pode-se ainda analisar a cooperativa como comu-  
nitária moderna, rural e de iniciativa particular conforme a  
classificação de Henrick Infield. Ou ainda quanto à forma  
de atividade, como cooperativa de 1º grau, de produtores, e  
agropecuária. (25)

O que seria importante notar quanto a esse aspec-  
to cooperativista do núcleo colonial se refere ao tipo de ad-  
ministração ali exercido, que pode ter ligação imediata com  
ao menos uma forma de dominação: a econômica. Albert Meister (26)  
em uma análise de síntese realizada a partir de estudos so-  
bre associações cooperativas, demonstra que estas passam, em  
geral, por quatro estágios no que se refere à sua administra-  
ção. O primeiro se caracteriza pelos primeiros choques entre  
a forma democrática de administração e uma atividade econômi-

---

(24) SMITH, T. Lynn. Observaciones sobre el  
estudio sociológico de la cooperación. Comunidades, Madrid,  
1(2):152-61, mayo/ago. 1966. p.155.

(25) PINHO, Diva Benevides. Sindicalismo e co-  
operativismo. São Paulo, Inst. Cultural do Trabalho, 1967.  
p.46.

(26) MEISTER. Albert. Problemas de la autoges-  
tión cooperativa y comunitaria. Comunidades, Madrid, 1(2):  
118-51, mayo/ago. 1966.

ca ainda mal assentada; o segundo estágio por um período de transição; no terceiro, a forma de democracia delegada se estende a todas as atividades do grupo; e, no quarto, há substituição de responsáveis eleitos por administradores assalariados.

Portanto, ficando definidas, a partir da revisão da literatura existente sobre o assunto, as abordagens metodológicas e teóricas usuais, necessário se faz o esclarecimento da forma adotada neste estudo.

Optou-se por uma forma de abordagem da problemática que evite falhas metodológicas ou teóricas, que já trariam em si aspectos de parcialidade quanto ao resultado esperado.

Procurou-se analisar os grupos de dominação em dois aspectos:

- a sua localização em setores institucionais definidos;
- e o modo como essa dominação se processa, ou seja, que âmbito abrange. (27)

Para tanto, as variáveis tomadas, foram:

- estrutura de dominação, ou seja, os grupos de dominação instucionalizados: a cooperativa, a escola, a igreja;

---

(27) SANDERS, Irwin T. e LEWIS, Gordon F. Rural community studies in the United States: a decade in review. Annual Review of Sociology, Palo Alto, California, 2:35-53, 1976. p.38.

- percepção de legitimidade da estrutura de dominação, verificada entre todos os cooperados do núcleo colonial (possibilidade de identificação de outros grupos de dominação, se estes existirem);
- aquiescência à autoridade (possibilidade de verificação de sinais de mudança ou conflito, se existirem). (28)

As técnicas de abordagem para levar a efeito a metodologia proposta foram:

- identificação em arquivos do núcleo colonial, dos membros que ocupam e os que já ocuparam posições nos setores de dominação institucionalizados;
- nos arquivos ainda, verificação da posse e dimensão de lotes dos associados.
- entrevista com os cooperados do núcleo colonial, para verificação das outras duas variáveis propostas.

Justifica-se a colocação da propriedade da terra como elemento de diferenciação em comunidades rurais, pela confirmação desta variável na literatura atual; estudos realizados em cinco delas na Europa apresentaram atribuição de status a partir do tamanho da propriedade. (29)

---

(28) FOX, William S. et alii. Authority position legitimacy of authority, structure, and acquiescence to authority. Social Forces, Chapel Hill, N.C. 55 (4):966-73, jun. 1977. p.966.

(29) WILLEMS, Emílio. Mudanças estruturais em comunidades camponesas de cinco países europeus. Revista de Antropologia, São Paulo, 8(2):113-32, dez.1960. p.113.

### 2.3. Quadro Teórico

Max Weber definiu poder (Macht) como "a possibilidade de se impor a própria vontade ao comportamento alheio", e, assinalou que desta forma o poder constitui um aspecto de quase todas, senão de todas as relações sociais. Entre as múltiplas fontes de poder existentes, Weber assinalou duas de particular interesse ao cientista social:

- o poder que deriva de uma constelação de interesses (que surge em um mercado formalmente livre, por exemplo);
- e o poder que deriva de autoridade constituída, encarregada do direito de mando e revestida do dever da obediência.<sup>(30)</sup>

E são nesta segunda encontrando-se "autoridade", outro termo chave na teoria weberiana.

Weber propôs ainda o uso do termo "Herrschaft", dominação, num sentido restrito, ou seja excluindo as situações em que o poder deriva de uma constelação de interesses.<sup>(31)</sup>

Reinhardt Bendix, propõe para melhor compreensão, a verificação dos componentes analíticos dessa questão teórica. Para que haja dominação deve haver:

---

(30) WEBER, Max. Economia y sociedad. México, Fondo de Cultura Económica, 1969. V.1.

(31) BENDIX, Reinhardt. Max Weber. Buenos Aires, Amorrortu, 1970. p.279.

- um indivíduo que domine, ou um grupo de dominadores;
- um indivíduo ou um grupo dominado;
- a vontade dos dominadores de influir na conduta dos dominados; e a expressão dessa vontade (mando);
- influência dos dominadores em termos de aceitação pelos dominados;
- aceitação subjetiva com que os dominados obedecem ao mando.

Assim, a autoridade seria para os dominadores o uso legítimo do direito de mando, enquanto que para os dominados seria uma ordem legítima, ou de autoridade. Traduzindo o termo "Authoritat" usado por Weber, seria uma "dominação legítima". (32)

Weber distingue três tipos "puros" ou "ideais" de dominação legítima, alertando que estes se encontram sempre combinados na história das sociedades. São eles:

- a dominação legal: existe quando um sistema de normas, aplicado judicial e administrativamente, segundo princípios verificáveis, é válido para todos os membros da comunidade;
- dominação tradicional: fundamenta-se em uma crença no caráter legítimo de uma autoridade que sempre existiu;

---

(32) MCINTOSH, Donald. Weber and Freud: on the nature and sources of authority. American Sociological Review, Albany, N.Y. 35(5):901-11, Oct.1970. p.902.

- dominação carismática: esta emana do polo oposto ao da tradição; é exercida por um líder (profeta, herói, ou demagogo) que possui carisma. (33)

O termo chave da análise weberiana é "Herrschaft" traduzida por Bendix como "domination". Talcott Parsons contesta o uso deste termo, que se tornou quase geral na literatura norte-americana, como também espanhola e portuguesa, desde que algumas traduções para o português e espanhol são realizadas a partir das de língua inglesa; que não é o caso de "Economia e Sociedade".

Parsons propõe o uso do termo "leadership". Sua redefinição pode, no entanto, trazer sérias implicações para um termo que é básico na literatura weberiana. Parsons coloca ainda uma ênfase demasiada na "crença da legitimidade", enquanto Weber propõe que a obediência tem na autoridade uma de suas variáveis, além da estrutura de poder e do próprio interesse. Autoridade seria um modo particular de assentimento, em relações de dominação e sujeição, que se baseia em variáveis múltiplas. (34)

---

(33) BENDIX, Reinhardt. Max Weber. Buenos Aires, Amorrortu, 1970. p.281-2.

(34) HAZELRIGG, Lawrence E. Class, Property and authority; Dahrendorf's critique of Marx's theory of class. Social Forces, Chapel Hill, N.C. 50(4):473-87, jun. 1972.

Dos tipos de dominação de Max Weber, o carismático parece ser o que levantou maiores controvérsias na literatura sociológica;<sup>(35)</sup> como o caso da ênfase na "crença da legitimidade", de que Parsons se utilizou.

Outras críticas referem-se à ênfase dada por Weber aos elementos "formal" e "racional" da burocracia enquanto negligencia ou confunde os conceitos de "não racional", "informal" e "disfuncional", que podem interferir na unidade do controle autoritário.<sup>(36)</sup>

Mesmo assim, optou-se pelo uso do termo "grupos de dominação" e todas as implicações teóricas que possa ter, dentro do conceito weberiano de "Herrschaft". Porque "a relação entre mandato e obediência faz com que toda dominação seja exercida por um pequeno número de pessoas, por uma minoria, que impõe de uma maneira ou de outra, seus pontos de vista, à maioria"<sup>(37)</sup>

Justifica-se ainda a escolha de Max Weber como base da análise teórica deste estudo, prendendo-se ao fato que

---

(35) ROTH, Guenther. Socio-historical model and developmental theory. American Sociological Review, Albany, N.Y. 40(2):148-57, Apr.1975. p.148.

(36) MULLER, Jon P. Social - psychological implications of Weber's model of bureaucracy: relations among expertise, control, authority and legitimacy. Social Forces, Chapel Hill, N.C. 49(1):91-102, Sep.1970. p.94.

(37) FREUND, Julien. Sociologia de Max Weber. Barcelona, Península, 1973. p.199.

é na teoria weberiana que se encontram os instrumentos teóricos que possibilitam a análise da realidade pesquisada.

Deve-se mencionar ainda a não inclusão de análise marxista, talvez pelo fato de se colocar Karl Marx e Max Weber em termos de comparação, toda vez que se inicia um estudo empírico-teórico nas ciências sociais. Neste caso, em particular, a teoria marxista não fornece instrumentos suficientes para análise, porque a sua idéia de dominação vem imbuída do sentido de classe e luta de classes, em relação à posse dos meios de produção (Klass an sich) ou como suporte para organização e ação (Klass für sich).<sup>(38)</sup> Este enfoque, de certa forma, limita uma análise como esta, em que se procura verificar alguma coisa além do econômico. E ainda, a idéia de classe não oferece instrumento teórico de análise coadunado com grupos não extensos.

Em sua análise marxista da racionalidade econômica, Godelier<sup>(39)</sup> reconhece que "não existiria, portanto, racionalidade propriamente econômica, mas, uma racionalidade global, totalizante, uma racionalidade social, histórica", e cita Weber na tentativa da formulação dessa racionalidade.

---

(38) BENDIX, Reinhardt. Inequality and social structure: a comparison of Marx and Weber. American Sociological Review, Albany, N.Y. 39(2):149-61, Apr.1974, p.151.

(39) GODELIER, Maurice. Racionalidade e irracionalidade na economia. Rio de Janeiro, Tempo Brasileiro, s.d. p.39.

O que é importante em Max Weber é que sua teoria fornece a base para a análise sem confiná-la nos três tipos "ideais" de dominação; possibilitando a utilização da idealização ou dos "tipos ideais" para a análise científica. (40)

O método weberiano de análise, "Verstehen", é o método que procura entender ou compreender a ação. Veja-se a explicação de Weber sobre a aplicação do método: "A historical interpretative inquiry into motives is causal explanation in absolute by the same logical sense as the causal interpretation of any concrete natural process. This is because its goal is the discovery of a "sufficient" ground (at least as an hypothesis)". (41)

Reconhece-se aqui os limites deste estudo para tentar seguir a orientação weberiana, embora, pretenda-se não fugir de todo da tentativa de "compreender" a situação histórica dada.

#### 2.4. Fontes de Pesquisa

O material de pesquisa para apresentação deste trabalho apresenta irregularidades quanto à sua distribuição, no que se refere à escassez em algumas áreas e abundância em outras.

---

(40) LOPREATTO, Joseph e ALSTON, Letitia. Ideal types and the idealization strategy. American Sociological Review, Albany, N.Y. 35(1):88-96, Feb.1970. p.88-9.

(41) WEBER, Max. Roscher and Knies. New York, Free Press, 1964. p.194.

Por serem os colonos que formaram o núcleo colonial de Witmarsum, remigrantes, não são encontrados dados a seu respeito nos Arquivos que contêm documentação relativa à imigração, no Paraná, como o Arquivo da Casa do Imigrante da Secretaria do Bem Estar Social. O Arquivo do Serviço de Polícia Marítima, Aérea e de Fronteira (Polícia Federal) e que pertenceu à Delegacia de Estrangeiros (hoje extinta) é confidencial, não sendo permitidas consultas.

A área de terreno onde se implantou o núcleo, não era terra do Patrimônio do Estado, como geralmente acontecia nesses casos. Assim, não existe documentação disponível: nos Arquivos da Fundação de Terras e Cartografia, no Arquivo do Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária (INCRA), e, no Arquivo da Coordenadoria do Patrimônio do Estado.

A Divisão de Documentação Histórica da Assembléia Legislativa do Estado do Paraná, possui uma coleção de Anais (incompleta para os anos de 1951-4), esta foi toda pesquisada. Embora tenha fornecido material para configuração das necessidades de leite e sua pasteurização no ano de 1951, não oferece referência direta ao núcleo colonial de Witmarsum, talvez, porque este não tenha sido formado pelo Estado, mas por particulares (a Companhia Witmarsum).

O Departamento de Arquivo e Microfilmagem (Secretaria da Administração) assim como o Museu Paranaense e a Biblioteca Pública do Paraná não possuem os Anais da Assembléia

Legislativa do Estado do Paraná, referentes aos anos em estudo.

Outras fontes convergentes, para configuração histórica da instalação do núcleo foram consultadas; a coleção de jornais da Biblioteca Pública do Paraná, da mesma forma que os Anais, não apresenta referência específica à instalação do núcleo, com exceção de um artigo já citado neste trabalho. Pode-se somente verificar a problemática do leite pasteurizado, nesse período.

Nas Bibliotecas Menonitas consultadas (Associação Menonita de Assistência Social, Colégio Erasto Gartner, Escola Fritz Kliever e Biblioteca Particular do Prof. Henrique Enns), foram encontrados folhetos e brochuras sobre o núcleo colonial de Witmarsum e livros de caráter religioso.

Desta forma, a ênfase dada à pesquisa foi nos arquivos do núcleo (Cooperativa, Escola e Congregações) e às entrevistas para complementação de dados. Estas entrevistas foram realizadas com os associados da cooperativa que vivem no núcleo colonial, em forma de questionários, respondidos pelo próprio entrevistado, e de forma voluntária. Justifica-se esta técnica de coleta de dados pelo fato de que as respostas eram sigilosas pois as questões procuravam estabelecer a legitimidade dos grupos de dominação. Obteve-se assim aproximadamente 45% de questionários respondidos, o

que em termos de amostragem para este tipo de análise, configura-se satisfatório.

A literatura referente ao estudo de grupos de dominação em pequenas comunidades, à metodologia e à teoria de Max Weber é satisfatória, e permite a análise da problemática.

### 3. O NÚCLEO COLONIAL

#### 3.1. Formação Histórica

Embora existam algumas divergências, os historiadores, hoje, concordam em que o Anabatismo faz parte do movimento radical da Reforma, no século XVI. Os anabatistas suiços separaram-se da Igreja Reformada liderada por Ulrich Zwingli e os holandeses sofreram influência do movimento sacramentalista, do qual mais tarde a Igreja Reformada Holandesa também se originou.

No movimento radical da Reforma encontram-se dois extremos: os Biblicistas, mais relacionados com Zwingli; e os Espiritualistas, que se baseavam mais diretamente na revelação pessoal. Entre esses, os anabatistas podem ser considerados como Biblicistas, centralizados em Cristo (Evangélicos) e com uma grande ênfase dada à vida cristã comunitária e disciplinada. (42)

---

(42) KRAHN, Cornelius. Dutch Anabatism; origin, spread, life and thought 1450-1600. The Hague, Martinus Myhoff, 1968. p.252-3.

Entre os discípulos do reformador Zwingli, houve divergências, e, um deles Conrad Grebel iniciou em 1525 um outro movimento com o batismo dos crentes (ana-batismo ou re-batismo), dando origem ao que se conhece hoje como Igreja Menonita. Este termo "menonita" passou a ser usado para designar o grupo, depois de Menno Simons, um padre convertido ao movimento anabatista holandês em 1536, e que teve papel destacado nas comunidades dos Países Baixos e da Alemanha.

Combatidos e perseguidos na Holanda, na Suíça e na Alemanha, considerados até mesmo sacrílegos por alguns devido ao re-batismo, tiveram que se refugiar em outras terras. Estiveram antes na Prússia, e durante o século XVIII migraram para a Ucrânia onde desenvolveram, durante quase dois séculos, um sistema agrícola que se tornou modelar na Europa.

Com a Revolução de 1917, os menonitas que já tinham se estabelecido em uma vasta área do sul da Rússia, foram novamente obrigados a migrar. (43)

Krahn estima em 56.000 o número de menonitas prusso-russos que migraram entre 1837 e 1952. Os menonitas que se estabeleceram na América Latina, fazem parte do fluxo migratório entre-guerras 1922-30. (44)

---

(43) WITMARSUM - 25 anos. Apostila comemorativa aos 25 anos de implantação do núcleo.

(44) KRAHN, Cornelius. Immigration of the mennonites from Russia. In: DYCK, Cornelius J. The Lordship of Christ; proceedings of the seventh mennonite world conference. Kitchner, Ontario, Canada, 1962. p.456-8-.

E os que se instalaram mais tarde em Witmarsum, faziam parte de um grupo de imigrantes provenientes da Rússia, que chegou ao Brasil em 1930 e instalou-se, a princípio em Santa Catarina. A colônia Krauel, próxima à Blumenau era dividida em três núcleos: Waldheim, Gnadental e Witmarsum.

Devido a dificuldades econômicas e de adaptação, este grupo desmembrou-se; sendo os anos de 1949, 1950 e 1951 os que apresentaram maior índice de remigração, para o Rio Grande do Sul e Paraguai. Os remanescentes no núcleo Witmarsum (Santa Catarina) compraram, através da Sociedade Anônima Comercial e Industrial Witmarsum, as propriedades da antiga fazenda Cancela, no município de Palmeira, Paraná. Foi ela então denominada Nova Witmarsum, e a transferência das famílias iniciada em 1951 só se completou em 1954. (45)

O Estado do Paraná na época da instalação do núcleo apresentava deficiências no abastecimento de leite e problemas na pasteurização do produto, como pode ser verificado nos Anais da Assembléia Legislativa:

"... Como consequência o povo do nosso Estado, cujo consumo médio de leite já é pequeno, está na iminência de enfrentar uma verdadeira crise

---

(45) BALHANA, Altiva P. et alii. Campos Gerais; estruturas agrárias. Curitiba, Universidade Federal do Paraná, 1968. p.111.

desse produto e seus derivados..."(46)

"O problema do abastecimento de leite à população curitibana, reveste-se de um duplo aspecto sanitário: o da quantidade de leite consumido pela população, que, em face do seu valor alimentar, é insignificante, necessitando dessa forma de ser aumentado o seu consumo, ao mesmo tempo que incrementada a produção e, o problema da sua distribuição higiênica, pois o leite, como possível veículo de doenças, deve merecer um controle sanitário rigoroso"(47)

A única usina de pasteurização de leite que já funcionava na época, e de forma precária, tinha sido instalada em 1935.(48)

A solução para os problemas de produção agro-pecuária pareciam repousar na formação de cooperativas, como também pode-se verificar nos Anais:

"Longe de ser mera codificação de princípios econômicos, constitui antes de mais nada, um programa de idealismo profundamente humanitário, de educação e formação social, de sistematização de esforços empregados para o bem estar coletivo."(49)

"As cooperativas, principalmente as que abrangem a produção de laticínios representam, para um município, importante fator de progresso, e para os

(46) PARANÁ. Assembléia Legislativa. Divisão de Documentação Histórica. Anais da Assembléia Legislativa do Estado do Paraná. Discurso do Dep.Edwino Tempki. Curitiba, 1:344-54, 1951.

(47) Ibid. Mensagem do executivo e ante-projecto de lei de crédito especial. Curitiba, 4:50, 1952.

(48) Ibid. Discurso do Dep.Edwino Tempki. Curitiba, 1:344-54, 1951.

(49) Ibid. Mensagem do Governador Bento Munhoz da Rocha Neto. Curitiba, 1:52, 1951.

municípios uma fonte dos elementos indispensáveis à base da perfeita alimentação. O cooperativismo é comprovada e indiscutivelmente a mais eficiente modalidade de benefício recíproco".(50)

Não se pode afirmar que a formação da cooperativa no núcleo colonial, tenha sido resultante direta dessa situação mas, a época apresentava-se propícia e o mercado para o leite garantido.

Porém, o núcleo colonial não poderia dedicar-se inteiramente à produção de leite, pela pouca flexibilidade que isto representa em termos econômicos. E assim, a cooperativa passou a atuar na recepção e beneficiamento de grãos, principalmente soja, arroz e trigo. (51)

Segundo análise efetuada por um grupo de professores da Universidade Federal do Paraná, a organização econômica do núcleo possui uma estrutura nitidamente capitalista; e a sua organização em cooperativa possibilitou aos colonos menonitas um alto padrão de vida. (52)

Assim, de certa forma, pode-se ligar esta estrutura do grupo à sua adaptação no Paraná, apesar das grandes

---

(50) PARANÁ. Assembléia Legislativa. Divisão de Documentação Histórica. Anais da Assembléia Legislativa do Estado do Paraná. Mensagem do Governador Bento Munhoz da Rocha Neto. Curitiba, 3:-118, 1951.

(51) LEITE um grande caminho a percorrer. Expressão Econômica do Paraná, Curitiba, 1(10):3-8, jun. 1978. p.5.

(52) BALHANA, Altiva P. et alii. Campos Gerais; estruturas agrárias. Curitiba, Universidade Federal do Paraná, 1968. p.111.

dificuldades iniciais. Os menonitas possuíam, na Rússia, um padrão de vida elevado; técnicas agrícolas e industriais avançadas, que trouxeram consigo quando de sua vinda para o Brasil.

Em Santa Catarina, encontraram dificuldades de infra-estrutura desde a inexistência de estradas até impossibilidade de colocação de seus produtos no mercado. A região apresentava um solo pobre e uma topografia difícil que impossibilitaram o uso de suas técnicas agrícolas. Além de que deve-se acrescentar as dificuldades encontradas por um grupo de cultura germânica, apesar de emigrado da Rússia, durante o período da II Guerra Mundial; como o fechamento de suas escolas e da intervenção nas cooperativas constituídas por estrangeiros.

A remigração para o Paraná, foi facilitada pelo então governador Bento Munhoz da Rocha Netto, com a isenção de impostos e taxas de transmissão de propriedade. Esta atitude repetida também em relação aos holandeses de Castrolanda e aos suábios de Entre Rios caracteriza a preocupação do aproveitamento dos Campos Gerais, em uma época de expansão capitalista em direção ao campo, no Paraná.

O Paraná, portanto, ofereceu terreno propício à instalação dos menonitas, desde que pode ser verificada na época, uma

"expansão do capital em direção a atividades agrícolas em terras boas, de preços relativamente baixos, que em condições propícias do mercado interno e externo oferecem rentabilidade favorável (em comparação, por exemplo, com a agricultura paulista ou sulina) e que atrai trabalhadores com frequência possuidores de pequenos capitais que podem invertê-los em compra de terras, trabalhadores esses com certa qualificação e em busca de oportunidades de ascensão."(53)

Embora o núcleo não estivesse localizado nas áreas típicas de colonização por descendentes de imigrantes alemães, na década de 1950, estavam próximos à capital. Contavam, portanto, no mercado interno, com a certeza de escoamento de seus produtos. (54)

Enfim, Witmarsum passa a fazer parte da estrutura agrária e econômica dos Campos Gerais, e a interferir diretamente para além dos limites do núcleo colonial, desde que, a partir de 1977, passaram a ser admitidos na cooperativa, membros de fora do núcleo. Este fato, por ser recente na história do núcleo, não permite ainda uma análise de conseqüências.

---

(53) BALÁN, Jorge. Migrações e desenvolvimento capitalista no Brasil; ensaio de interpretação histórico-comparativa. In: Centro e periferia no desenvolvimento brasileiro. São Paulo, Difusão Europeia do Livro, 1974. p.156.

(54) ROCHE, Jean. A colonização alemã e o Rio Grande do Sul. Trad. Emery Ruas. Porto Alegre, Globo, 1969. l.v.

### 3.2. A Cooperativa

No que se refere à formação de cooperativas em sistemas econômicos capitalistas, é prática trazida pelos menonitas da Europa. Max Weber, analisa essa questão, como forma de adaptação do campones às exigências do mercado, possibilitando a este manter sua independência pela intensidade e alta qualidade de seu trabalho. (55)

De acordo com o princípio geral de organização de cooperativas, a Assembléia Geral tem plenos poderes e é formada pelos associados, tendo cada um direito a um voto. Esta Assembléia deve eleger (por maioria de votos) os seis membros do Conselho Administrativo, indicando também o Presidente. O Conselho com mandato de três anos tem a função de regular as operações e serviços.

Também a Assembléia elege anualmente um Conselho Fiscal, com três membros efetivos e três suplentes.

Para a análise da formação do Conselho Administrativo e do Conselho Fiscal da "Cooperativa Agro-Pecuária Witmarsum Ltda.", foram consultadas todas as suas Atas de Assembléias. Para complementação destes dados, e ainda para estabelecer a distribuição e tamanho da propriedade entre os cooperados, assim como para outras informações, foram consul

---

(55) WEBER, Max. Ensaio de sociologia. Rio de Janeiro, Zahar, 1974. p.418.

tadas as fichas do Arquivo da Cooperativa e o Livro de Registro dos associados.

Estes dados possibilitaram a reconstituição do grupo de dominação institucionalizado, na cooperativa, ou seja, o seu Conselho Administrativo e o seu Conselho Fiscal.

Quanto a percepção de legitimidade do grupo pelos cooperados, e do índice de aceitação de suas determinações, foram estas variáveis verificadas através de questões colocadas no questionário, respondido pelos cooperados.

A afirmativa "No trabalho, pessoas em cargos importantes muitas vezes tiram vantagens disso", com as opções de respostas:

- Concordo plenamente
- Concordo parcialmente
- Discordo parcialmente
- Discordo totalmente,

foi tomada para estabelecer o nível de percepção de legitimidade do grupo de dominação da Cooperativa. <sup>(56)</sup> Foram usadas duas outras afirmativas da mesma natureza para verificar a variável no caso dos outros dois grupos de dominação: o Conselho Escolar e os Conselhos das Congregações. Deve-se dizer ainda que antes de cada afirmativa e suas opções de resposta, havia um esclarecimento ao entrevistado, indicando que a questão se referia especificamente a determinado grupo de dominação, no núcleo colonial.

---

(56) FOX, William S. et alii. Authority position, legitimacy of authority, structure, and acquiescence to authority. Social Forces, Chapel Hill, N.C. 55(4):966-73, jun.1977. p.968.

A tabulação foi realizada através da atribuição de pesos que iam de 0 (zero) a 3 (três), com o maior escore (isto é, discordo totalmente) indicando o maior nível de percepção de legitimidade. (57)

Quanto a aquiescência à autoridade, esta foi medida através da questão "Com que frequência o senhor tem que ir contra resoluções do Conselho da Cooperativa para fazer as coisas como elas realmente tem que ser feitas?". As opções de resposta foram:

- Nunca
- Quase nunca
- Algumas vezes
- Frequentemente
- Sempre. (58)

Da mesma forma, ao ser realizada a tabulação, às respostas foram atribuídos escores variando de 0 (zero) a 4 (quatro), com o maior deles indicando maior nível de aquiescência à autoridade. (59)

---

(57) FOX, William S. et alii. Authority position, legitimacy of authority, structure, and acquiescence to authority. Social Forces, Chapel Hill, N.C. 55(4):966-73, jun. 1977. p.969.

(58) Ibid.

(59) Ibid.

O tamanho da propriedade foi tomado para dividir as respostas em camadas classificatórias desde que a posse da terra seja variável determinante.

Quadro 1. Média dos escores de percepção de legitimidade e aquiescência à autoridade em relação ao Conselho da Cooperativa, conforme a dimensão da propriedade.

Dimensão da Propriedade/ha.	Percepção de Legitimidade-médias	Aquiescência à autoridade - médias
Não possui propriedade	1,4	1,5
0,5 — 1,5	1,4	3,4
1,5 — 20	1,3	2,3
20 — 50	1,2	2,6
50 — 80	2,0	3,1
80 — 110	1,2	2,0
110 — 140	2,3	2,6
140 — 200	2,0	2,0
200 — 350	1,5	2,0

Na percepção de legitimidade obteve-se uma média geral de 1,5, com um desvio padrão de 1,1. As classes de propriedade que apresentaram maior índice foram justamente as de transição, ou seja, aquelas que passam do tamanho de propriedade padrão no núcleo, e aqueles que se encontram quase em situação de grande proprietário, em padrões do núcleo co-

lonial. Este resultado, e mais o menor índice sendo observado entre os padrões médios (20 a 50 hectares) e da "pequena" grande propriedade (80 a 110 hectares) mostram uma tendência: esses estratos são os que geralmente implementam as realizações do grupo porém são excluídos de sua formulação; enquanto que nos primeiros verifica-se se não a participação, pelo menos o desejo de participar das formulações, ou melhor, do processo decisório. Esta tendência sendo observada em grande parte de estudos dessa natureza.

Comparando as duas variáveis, nota-se que estas não são diretamente relacionadas pois a correlação encontrada foi de  $r=0.20$ , ou seja, uma relação presente mas, ligeira.

A média geral de aquiescência à autoridade apresentada foi de 2,3 e com um desvio padrão de 1,7; tendo nos dois primeiros estratos os dois extremos.

Para configuração da formação do grupo de dominação institucionalizado na Cooperativa, foram também atribuídos escores aos postos, por ordem de poder decisório dentro do quadro fiscal e administrativo. A representação gráfica mostra, através da intensidade dos tons escuros, essa escala que varia desde o Suplente do Conselho Fiscal, até o Diretor-Presidente da Cooperativa.

1952-1979.

MEMBROS DO CONSELHO	1952	1953	1954	1955	1956	1957	1958	1959	1960	1961	1962	1963	1964	1965	1966	1967	1968	1969	1970	1971	1972	1973	1974	1975	1976	1977	1978	1979	
Herbert, Abram																													
Asseburg, João																													
Janzen, Gustav																													
Ewert, Gerhard																													
Penner, Heinrich																													
Harder, Heinrich																													
Schartner, David																													
Warkentin, Jacob																													
Philippson, Peter																													
Kliwer, Francisco																													
Pauls, Peter																													
Nikkel, Peter																													
Leghien, Julius																													
Giesbrecht, Jacob																													
Dyck, Hans																													
Krüger, Peter																													
Quapp, Peter																													
Kroecker, Abram																													
Harder, Peter																													
Thiessen, Heinrich																													
Epp, Peter																													
Kasdorf, Heinrich																													
Fast, Peter																													
Nikkel, Johann																													
Janzen, Jacob																													
Schartner, Cornelius																													
Koop, Wilhelm																													
Penner, Cornelius																													
Warkentin, Bernard																													
Reimer, Peter																													
Warkentin, Gerhard																													
Wiens, Abram																													
Thiessen, Jacob																													
Thiessen, Johann																													
Veit, Karl Joseph																													
Prachnau, Jacob																													
Heinrichs, Gerhard																													
Boldt, Heinrich																													
Boldt, Hans																													
Sawatzky, Pedro																													
Epp, Arno A.																													
Pauls, Cornelius																													
Janzen, Robert																													
Warkentin, Georg																													
Penner, Nicolau																													
Dyck, Henrique																													
Gillung, Albert																													
Heinrichs, Peter																													
Heinrichs, Hans																													
Warkentin, Pedro																													
Vogt, Johann																													
Koop, Walter																													
Nikkel, Heinrich																													
Enns, Abram																													
Krueger, Arjur																													
Warkentin, Peter																													
Ewert, Geraldo																													
Schroeder, Geraldo																													
Loewen, Abrão																													
Friesen, Erich																													
Pauls, Helmut																													
Balzer, Friedrich																													
Epp, Marwin																													
Warkentin, Ewald																													
Heinrichs, Heinrich																													
Schroeder, Berthold																													
Gillung, Hercido																													
Siebert, Gerhard																													
Kasdorf, Harry																													
Schroeder, Alfred																													
Kasdorf, Ekkeardo																													
Langhor, Gotthold																													
Schartner, Jacob																													
Düick, Johann																													
Isaak, Jacob																													
Ewert, Ekkard																													
Kliwer, Horst Gunther																													

 CONSELHO FISCAL-SUPLENTE  
 CONSELHO FISCAL-EFETIVO  
 DIRETOR CONSELHEIRO

 DIRETOR SECRETÁRIO  
 DIRETOR GERENTE  
 DIRETOR PRESIDENTE

Assim, para verificação da concentração média anual do poder, o período histórico analisado, foi dividido em três fases, de acordo com a mudança na presidência da Cooperativa; a primeira fase abrange dezessete anos (1952-1968), a segunda oito anos (1969-1976) e a terceira, ou seja a atual, três anos (1977-1979), estando esta sujeita a mudanças nas próximas eleições a serem realizadas em princípios de 1980.

Desta forma, os pontos de cada fase foram computados atribuindo-se pesos de um a seis, desde o suplente do Conselho Fiscal, passando pelo Conselheiro efetivo (dois), Diretor Conselheiro (três), Diretor Secretário (quatro), Diretor Gerente (cinco) e Diretor Presidente (seis). O Conselho Administrativo é composto pelos diretores, sendo que existem dois diretores conselheiros; e o Conselho Fiscal é composto por três membros efetivos e três suplentes.

O coeficiente médio anual de concentração de poder foi obtido pela divisão deste total de pontos de cada fase, pelo seu número de anos (dezessete, oito ou três) e pelo número de membros participantes dos conselhos, em cada uma delas.

Desta forma, as médias obtidas foram de 0.63 para a primeira fase, 0.92 para a segunda e de 1.75 para a fase atual. Portanto, pode-se verificar uma tendência à concentração de poder. Uma passagem gradual de uma fase para ou

tra pode ser detectada, ou ainda uma continuidade mais acentuada entre a primeira e a segunda fase do que entre a segunda e a terceira.

Em se analisando estes dados em relação ao número médio anual de associados da cooperativa (97,8 na primeira fase, 127,12 na segunda e 250 associados na terceira), esta concentração fica na realidade, mais aparente.

O aumento acentuado do número de associados da segunda para a terceira fase, está relacionado com o fato da admissão, na Cooperativa, de membros que não fazem parte do núcleo colonial.

Quando do estabelecimento do grupo na Fazenda Cancellata, a partir de 1951, a área foi dividida em cinco núcleos ou aldeias, sendo as quatro primeiras povoadas desde o início, e a quinta reservada para expansão do núcleo, e hoje também ocupada. As propriedades foram traçadas de forma retangular, alinhadas ao longo de arruamentos, de ambos os lados. A princípio, cada aldeia mantinha uma área de pasto comum, como era tradicional nas colônias menonitas na Rússia.

Por dificuldades na obtenção de financiamento e outras operações, as áreas de compáscuo foram extintas e as propriedades redivididas em 1959.

Os lotes, como norma geral, tinham dimensões que variavam entre 45 e 55 hectares, e quando do estudo realiza-

do sobre o núcleo em 1964, havia somente duas propriedades com mais de cem hectares; tendo a propriedade média 55 hectares.

Comparando-se a situação das propriedades do núcleo em 1964 e em 1979, tem-se uma noção da modificação da dimensão da propriedade da terra em Witmarsum.

Quadro 2. Dimensão das propriedades no núcleo colonial de Witmarsum. 1964-1979.

DIMENSÃO DA PROPRIEDADE	1964 - %	1979 - %
0,25 — 2,0	-	9,9
2,0 — 30,0	5,1	10,8
30,0 — 50,0	71,5	45,9
50,0 — 70,0	5,8	8,1
70,0 — 90,0	7,3	8,1
90,0 — 110,0	8,8	7,2
110,0 — 130,0	-	3,6
130,0 — 150,0	1,4	0,9
150,0 — 170,0	-	0,9
170,0 — 190,0	-	0,9
190,0 — 210,0	-	-
210,0 — 350,0	-	1,8
350,0 — 400,0	-	1,8

Fonte: Para os dados de 1964. BALHANA, Altiva P. et alii. Campos Gerais; estruturas agrárias. Curitiba, Universidade Federal do Paraná, 1968. p.69-78.

A dimensão média da propriedade é, atualmente, de 58,8 hectares, sem considerar vinte e oito associados da cooperativa, residentes no núcleo e que não possuem terras; em se considerando estes, a propriedade média passa a ter 46,9. Estes são herdeiros em potencial, em sua maior parte, dos terrenos que trabalham em conjunto com seus parentes.

Na verdade houve mudanças no quadro das propriedades, nestes quinze anos considerados, tanto no que se refere à repartição quanto à concentração das mesmas. As categorias atuais de: menos de dois hectares e de mais de 150 hectares não aparecem em 1964.

De acordo com Jean Roche em estudo realizado em colônias de descendentes de imigrantes alemães, num período de cem anos (três gerações), há um coeficiente de 1,7 de repartição da propriedade em cada geração; crescendo este para 1,8 na região da Serra, no Rio Grande do Sul. (60)

No período analisado, no núcleo colonial de Witmarsum, isto é, em quinze anos, verificou-se um coeficiente de divisão de 1,1, se forem considerados os associados da cooperativa não proprietários de lotes; de outra forma verifica-se um índice de concentração de 0,9.

Como um período de quinze anos, não constitui historicamente uma geração para fins de análise, pode-se somente

---

(60) ROCHE, Jean. A colonização alemã e o Rio Grande do Sul. Trad. Emery Ruas. Porto Alegre, Globo, 1969. IV. p.324.

supor que se a propriedade for repartida de modo a atender aqueles que ainda não são proprietários, haverá uma tendência do mesmo tipo, verificado por Roche no Rio Grande do Sul.

Isto porém, suposto dentro das limitações que um estudo como este apresenta.

### 3.3. Aspectos Religiosos

Em "A ética protestante e o espírito do capitalismo", Max Weber analisa a formação dos movimentos protestantes na Europa:

"...Por outro lado, encontramos ao lado do calvinismo uma segunda fonte independente do ascetismo protestante no movimento batista e nas seitas que, no decorrer dos séculos XVI e XVII dele se derivaram, quer diretamente, quer por adoção de suas formas de pensamento religioso: os batistas, menonitas, e, principalmente os quakers".(61)

Os menonitas do Brasil pertencem ao ramo dos anabatistas evangélicos dos Países Baixos; sendo que a base da sua vida religiosa é a Bíblia segundo a interpretação de Menno Simons. No núcleo colonial de Witmarsum existem três denominações: Igreja Menonita, Igreja Menonita Evangélica, Igreja Irmãos Menonitas. Como as duas primeiras atuam em conjunto

---

(61) Weber, Max. A ética protestante e o espírito do capitalismo. São Paulo, Pioneira, 1967. p.102.

desde 1966 serão tratadas como Igreja Menonita. (62)

Menno Simons fundamentou, razoavelmente, a primeira doutrina das seitas batistas na qual manifestava a intenção de vê-la transformada na verdadeira igreja irreprensível de Cristo.

Nas seitas batistas verifica-se uma moralidade estrita, uma conduta tranquila, moderada e conscienciosa, devido à idéia de que Deus só fala quando a criatura silencia. Ainda, diferentemente da concepção calvinista, uma intensidade maior no interesse vocacional de caráter econômico, é demonstrado.

Da primitiva recusa de aceitar funções públicas, por serem coisas mundanas, ficou entre os menonitas a recusa de pegar em armas, e, que no Brasil tende a desaparecer, devido à obrigatoriedade do serviço militar. Nota-se ainda, uma opção ao estilo de vida simples, e, à orientação para vocações apolíticas.

O "estado de graça", uma concepção comum a todas as seitas distingue o seu possuidor do resto das pessoas do mundo; esse estado é conseguido e mantido não por sacramentos ou pelo perdão dos pecados mas, por uma conduta metódica-

---

(62) MINICH, Herbert. Organização religiosa. In: BALHANA, Altiya P. et alii. Campos gerais: estruturas agrárias. Curitiba, Universidade Federal do Paraná, 1968. p.154.

mente supervisionada pelo próprio indivíduo. Observa, Max Weber, que até Schwenksfeld considerou a administração dos sacramentos uma "adiaphora"; os batistas e os menonitas se ativeram estritamente ao batismo e à comunhão, e os últimos também à lavagem dos pés. (63)

Da adoção desse tipo de conduta, resultou uma espécie de "planejamento racional de toda a vida do indivíduo, de acordo com a vontade de Deus". (64)

A Reforma rompeu com o sentido de uma ética dupla: uma que a todos obriga e outra de caráter particular e vantajoso. As denominações ascéticas conseguiram criar uma ética que se resume nesta frase de Sebastião Faul: "Tu crês que escapastes do claustro, mas desde agora serás um monge em toda a tua vida." (65)

Os efeitos dessa doutrina se fazem sentir em todos os setores, mesmo na arte e nos esportes; são permitidos mas, não podem custar coisa alguma. (66)

A organização da Igreja Menonita, no núcleo colonial, consiste de: um ministro supervisor "Des Aeltester"

---

(63) WEBER, Max. A ética protestante e o espírito do capitalismo. São Paulo, Pioneira, 1967. p.199.

(64) Ibid, p.109.

(65) Ibid. História geral da economia. São Paulo, Mestre Jou, 1968. p.319.

(66) Ibid. A ética protestante e o espírito do capitalismo. São Paulo, Pioneira, 1967. p.122.

(O Anciã), posto conferido através de ordenação e por tempo indeterminado; existem ainda dois "Predizer" (Pregadores) e um "Diácono", estes passam por um estágio probatório, escolhidos por eleição, e só depois do estágio recebem a ordenação.

Estes membros, além de um "Líder" que pode ser leigo, formam o Conselho da Congregação. "O Anciã" tem a última palavra neste Conselho, mas, as decisões são tomadas pela Assembléia Geral da Congregação, que representa a autoridade suprema.

Esta organização mantém:

- Cultos, Assembléias Comuns;
- Coro;
- Escola Dominical;
- Liga Feminina;
- Liga da Mocidade;
- Trabalho Missionário;
- Escola Bíblica Noturna.

Estas entidades mantêm encontros frequentes e aliam o sentido religioso, ao lazer e às festividades.

Deve-se notar ainda que a Igreja do núcleo colonial está ligada à Conferência Distrital (Brasil), e esta à Conferência da América do Sul, e à dos Estados Unidos.

A Congregação denominada Irmãos Menonitas, formou-se no núcleo colonial em 1958, por uma separação de um grupo minoritário, insatisfeito com a situação religiosa e escolar do mesmo. A organização assemelha-se à da Igreja Menonita, mas, não possui um "Ancião" e não mantém "Trabalho Missionário". A não existência de um "Ancião" caracteriza uma situação menos autoritária. (67)

Para análise da formação do Conselho da Congregação que no caso, representa o grupo de dominação, foram verificadas as Atas das Reuniões, das duas Congregações: Igreja Menonita e Igreja Irmãos Menonitas.

Embora exista um percentual de aproximadamente 20% de membros do núcleo que não sejam considerados membros das Congregações, por não desejarem ser batizados, já que o batismo entre os menonitas só é realizado em maiores de quinze anos e que optarem livremente por ele, isto não significa que estas pessoas não frequentam regularmente as sessões de culto e participam das atividades da Igreja. (68)

Portanto, justifica-se a inclusão dos Conselhos das Congregações entre os grupos de dominação, pelo papel destacado que tem a Igreja não só no campo religioso como cultural, social e recreativo, no núcleo colonial.

---

(67) MINICH, Herbert. Organização religiosa: In: BALHANA, Altiva P. et alii. Campos Gerais; estruturas agrárias. Curitiba, Universidade Federal do Paraná, 1968. p.157.

(68) Ibid. p.170-1.

Assim, pela consulta às Atas das Reuniões das Congregações foi possível obter um quadro da formação dos respectivos Conselhos. Nota-se, entretanto, que o número de membros não é fixo e que suas funções não são especificadas nas Atas.

Além disto, as eleições não são realizadas em períodos determinados ou fixos. Disto resultou que, para a confecção dos quadros de membros dos Conselhos, foi necessária uma verificação de todas as Atas existentes em cada ano, e uma tabulação da frequência dos membros; aqueles que apresentaram somente uma ou duas frequências durante todo um ano, não foram considerados. A Igreja Menonita ainda apresenta falhas em suas Atas, no período de 1959-1963.

Para configurar a letimidade dos Conselhos, assim como da aceitação de suas determinações, foram colocadas questões específicas no questionário respondido pelos membros do núcleo colonial. Para tabulação, às respostas foram atribuídos pesos que variavam desde a aceitação total do Conselho e de suas determinações, até a sua não aceitação por completo, com a mesma técnica já descrita para o caso do Conselho Administrativo e Conselho Fiscal da Cooperativa.

As questões, no caso das Congregações foram:

- "Pessoas com autoridade, em geral, não sabem o que acontece com as outras ao seu redor".

Sendo as opções de resposta:

- "Concordo plenamente"
- "Concordo Parcialmente"
- "Discordo parcialmente"
- "Discordo totalmente"

"Quantas vezes o senhor acha necessário discutir as resoluções do Conselho, em Assembléia?"

E as opções de resposta:

- "Nunca"
- "Quase nunca"
- "Algumas vezes"
- "Frequentemente"
- "Sempre"

A primeira teve por objetivo a atribuição do grau de legitimidade, e a segunda para delimitar o nível de adesão à autoridade dos Conselhos. Para análise destas variáveis não houve necessidade de separação entre os membros das duas Congregações, pela semelhança dos resultados, nos dois casos.

A variável de frequência às sessões de culto das Congregações foi tomada como base para análise; no questionário foram colocadas além das opções constantes no quadro 3, duas mais ("raramente" e "nunca"), porém não houve caso algum que se enquadrasse nestas.

Quadro 3. Média dos escores de percepção de legitimidade e de aquiescência à autoridade em relação aos Conselhos das Congregações, conforme a frequência às sessões de culto.

Frequência às sessões de culto	Percepção da legitimidade-médias	Aquiescência à autoridade-médias
Semanal	2,0	1,4
Mensal	1,4	2,2
Somente nas Celebrações Importantes	1,5	2,3

Obteve-se no caso da percepção da legitimidade uma média geral de 1,6 com um desvio padrão de 0,33 e na segunda variável a média geral foi de 1,9 sendo o desvio padrão de 0,40. Tanto a média geral como o desvio padrão apresentaram aqui índices inferiores em se comparando com os outros dois grupos de dominação analisados.

Além disto, a verificação da correlação entre as médias das duas variáveis, apresentou-se ao nível de  $r=0.97$ , que mostra ser altamente significativa, ao contrário do que acontece nos outros dois grupos de dominação.

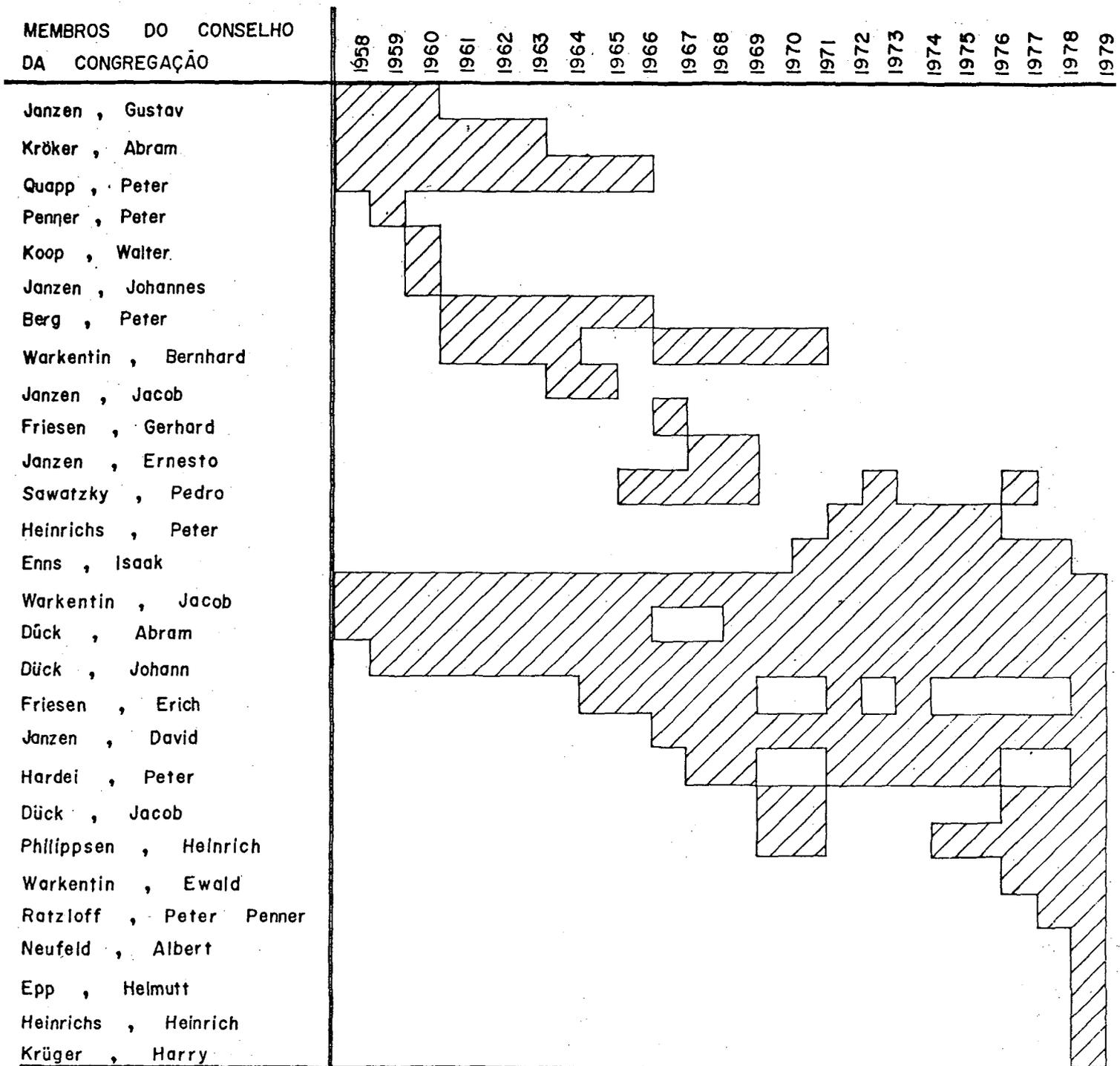
Para análise da formação dos grupos de dominação institucionalizados, neste caso dos dois Conselhos das Congregações, os dados foram tabulados da mesma forma descrita para o caso da Cooperativa, com exceção da atribuição de pesos às posições. Nesta caso, foi considerada somente a parti

CONSELHO DA CONGREGAÇÃO DA IGREJA EVANGÉLICA MENONITA  
DE WITMARSUM, 1958, 1964-1979.

MEMBROS DO CONSELHO DA CONGREGAÇÃO.	1958	1964	1965	1966	1967	1968	1969	1970	1971	1972	1973	1974	1975	1976	1977	1978	1979
Klassen, Helmut																	
Kroeker, Abram																	
Nikkel, Peter																	
Benpenning, Jacob																	
Heinrichs, Peter																	
Schartner, Cornelius																	
Janzen, Robert																	
Boldt, Hans																	
Nikkel, David																	
Warkentin, Jacob																	
Leghien, Julius																	
Boldt, Johann																	
Siebert, Gerhard																	
Janzen, Boris																	
Warkentin, Gerhard																	
Kliwer, Gerd Uwe																	
Giesbrecht, Heinrich																	
Schroeder, Gerhard																	
Schartner, Jacob																	
Penner, Heinrich																	
Kliwer, Herbert																	
Janzen, Bruno																	
Wedel, Erich																	
Enns, Abram																	
Pauls, Alfred																	
Penner, Cornelius																	
Pauls, Helmut																	
Wiens, Abram																	
Kliwer, Horst Gunther																	
Epp, Arno A.																	
Schroeder, Alfred																	
Kliwer, Francisco																	
Nikkel, Hans																	
Füsternau, Pastor																	
Heinrichs, Hans																	
Epp, Peter																	
Heinrichs, Gerhard																	
Pauls Jr., Peter																	
Schartner, David																	
Schroeder, Berthold																	
Wedel, Alfred																	
Isaak, Jacob																	
Dück, Heinrich																	
Epp, Marwin																	
Nikkel, Johann																	
Schartner, Heinz Gerhard																	
Epp, Sieghard																	
Pauls, Gudrun																	
Füsternau, Ursula																	
Ewert, Hermann																	
Enns, Gerhard																	
Epp, Manfred																	

 CONSELHO DA CONGREGAÇÃO.

CONSELHO DA CONGREGAÇÃO DA IGREJA IRMÃOS MENONITAS DE  
WITMARSUM , 1958 - 1979.



█ Membros do Conselho da Congregação.

cipação no Conselho, desde que os dados das Atas não permitem distinguir posições, e que estas não interferem no processo decisório, em geral.

Ainda, optou-se pela divisão de fases adotada no caso da Cooperativa; e para o Conselho da Congregação da Igreja Menonita relevou-se o ano de 1958, pela interrupção verificada.

Através das médias de concentração de poder, obtidas da mesma forma descrita em relação ao Conselho da Cooperativa, obteve-se, comparando a formação dos dois Conselhos, uma correlação de  $r=0.60$ , considerada significativa ou substancial.

Quadro 4. Médias de concentração do poder nos Conselhos das Congregações da Igreja Menonita e da Igreja Irmãos Menonitas, nas três fases históricas consideradas.

FASES	Igreja Menonita	Igreja Irmãos Menonitas
Primeira	0,42	0,38
Segunda	0,51	0,61
Terceira	0,62	0,66

Pode-se notar que, o índice de concentração de poder é maior no caso da Igreja Irmãos Menonitas, o que de certa forma não confirma a citação de Herbert Minich, do início deste capítulo, que menciona uma situação menos autoritária

na Igreja Irmãos Menonitas, verificável somente na primeira, época em que seu estudo foi realizado.

Verifica-se ainda, nos dois casos, uma permanência que abrange todo o período estudado, de alguns membros dos Conselhos; fato este que diferencia mais uma vez este grupo de dominação dos outros dois analisados.

#### 3.4. A Escola

"Muitas colônias estrangeiras, antes de 1938 tinham suas escolas particulares, organizadas pelas igrejas. Não sei qual era a qualidade delas. Sei, porém que hoje em dia os colonos de quase toda parte se queixam do baixo nível dos professores das escolas estaduais." (69)

Assim analisa Waibel o problema da escola em núcleos coloniais de imigrantes, situação esta corroborada por estudos mais recentes. (70)

A escola deveria constituir, segundo esses estudos, um elemento de aculturação das novas gerações.

Esta problemática é inexistente em Witmarsum.

---

(69) WAIBEL, Leo Weinrich. Princípios de colonização européia no sul do Brasil. Revista Brasileira de Geografia, 11(2):159-222, 1949. p.215.

(70) PRETTO, Hermelina Maria. O problema da escola brasileira numa comunidade holandesa de São Paulo. Revista de Antropologia, São Paulo, 1(1): 29-33, jun. 1953. p.33.

No núcleo colonial existe uma escola, fundada poucos anos depois da formação do núcleo, que foi reconhecida - como Escola Primária Isolada Estadual em 1954; como Escola Normal Regional em 1960; funcionando depois a Casa Escolar Johannes Janzen e o Ginásio Estadual Fritz Kliewer; hoje lá opera a Escola de 1º Grau Fritz Kliewer. A escola é mantida pela cooperativa, e os professores, alguns pelo Estado, e outros pela própria cooperativa. (71)

A administração escolar é feita por um "Conselho Escolar" composto de:

- Diretor da Escola (é submetido à aprovação da Secretaria de Educação do Estado do Paraná);
- Conselho Administrativo da Cooperativa;
- por um representante das aldeias.

A presidência deste Conselho é exercida pelo Diretor-Presidente da Cooperativa. (72)

As atribuições do Conselho Escolar abrangem desde a parte de recursos, contratação de professores, até indicação de bolsas de estudos, etc.

---

(71) WITMARSUM- 25 anos. Apostila de comemoração aos 25 anos do núcleo.

(72) WESTPHALEN, Cecília Maria et alii. Organização educacional. In: BALHANA, Altiva Pilatti et alii. Campos Gerais; estruturas agrárias. Curitiba, Universidade Federal do Paraná, 1968. p.204.

Optou-se pela análise da Escola, neste estudo, pelo fato dos professores se encontrarem à frente de movimentos de caráter social, recreativos e outros.<sup>(73)</sup> E além disto, a boa formação escolar dos filhos é preocupação constante dos menonitas e faz parte do próprio sentido da comunidade.<sup>(74)</sup>

Da mesma forma como foi verificada a formação dos outros dois grupos de dominação institucionalizados, o Conselho Escolar que opera desde a fundação da escola no núcleo em 1957, foi reconstituído a partir da consulta de arquivos. Como o Conselho Escolar era eleito nas Assembléias da Cooperativa, os registros das eleições constam das Atas das Reuniões da Cooperativa, entre os anos de 1958 e 1976. Para os anos de 1957, e de 1977-79, que não constam das Atas da Cooperativa, foram usadas as próprias Atas do Conselho Escolar, para a sua reconstituição. Deve-se notar que estes membros eleitos nas Assembléias da Cooperativa, são os representantes das aldeias, que interessam para a análise.

As eleições são anuais em alguns períodos, porém há irregularidade em outros.

Para a análise do Conselho Escolar optou-se pela não inclusão do Diretor da Escola, desde que este cargo não

---

(73) WESTPHALEN, Cecília Maria et alii. Organização educacional. In: BALHANA, Altiva Pilatti et alii. Campos Gerais; estruturas agrárias. Curitiba, Universidade Federal do Paraná, 1968. p.207.

(74) Witmarsum - 25 anos. Apostila de comemoração aos 25 anos do núcleo.

depende de eleições mas de algumas implicações legais e de sua aprovação pela Secretaria da Educação do Estado do Paraná.

Os períodos utilizados para análise foram os meses usados para o caso da Cooperativa; e, assim como para com os Conselhos das Congregações, não se atribuiu pesos aos cargos.

Assim, estão incluídos neste grupo, os representantes das aldeias somente, isto porque, o Diretor não está sujeito à eleição e os membros dos Conselhos Administrativo e Fiscal da Cooperativa já constam da análise desta.

Para o Conselho Escolar os índices de concentração de poder, obtidos da mesma forma que para os dois outros grupos de dominação foram de 0,18 para a primeira fase, 0,21 na segunda e de 0,71 na fase atual. Verifica-se, aqui, uma grande diferença entre a segunda e a terceira fase, confirmando uma tendência já observada nos dois outros grupos.

Nota-se também, através da representação gráfica, que o Conselho Escolar apresenta o menor índice de permanência dos membros, em termos de anos consecutivos.

Para a atribuição do nível de legitimidade do Conselho Escolar, como também da aquiescência às suas determinações, foram usadas as mesmas técnicas de tabulação já descritas, nos capítulos anteriores.

CONSELHO ESCOLAR - ESCOLA FRITZ KIEWER , WITMARSUM , 1957-1979.

MEMBROS DO CONSELHO ESCOLAR .	1957	1958	1959	1960	1961	1962	1963	1964	1965	1966	1967	1968	1969	1970	1971	1972	1973	1974	1975	1976	1977	1978	1979	
Reimer , Gustav																								
Pauls Jr. , Peter																								
Riegler , Gilda Evelina																								
Epp , Sieghard																								
Ratzhoff , Peter Penner																								
Kasdorf , Heinrich																								
Boldt , Johann																								
Nikkel , David																								
Epp , Peter																								
Pauls , Cornelius																								
Boldt , Hans																								
Nikkel , Johann																								
Prachnau , Jacob																								
Penner , Heinrich																								
Reimer , Peter																								
Schartner , Cornelius																								
Dück , Hans																								
Ewert , Peter																								
Warkentin , Gerhard																								
Schroeder , Geraldo																								
Dück , Johann																								
Schartner , David																								
Harder , Peter																								
Gillung , Albert																								
Epp , Arno A.																								
Warkentin , Jacob H.																								
Veit , Karl Joseph																								
Leghien , Julius																								
Boldt , Robert																								
Warkentin , Walter																								
Isaak , Jacob																								
Philippsen , Heinrich																								
Warkentin , Pedro																								
Friesen , Erich																								
Fuchs , Georg																								
Heinrichs , Peter																								
Kliewer , Hartwig																								
Kasdorf , Ekkehard																								
Heinrichs , Hans																								
Dück , Jacob A.																								
Kliewer , Francisco																								
Langhor , Gotthold																								
Wedel , Alfred																								
Schroeder , Berthold																								
Penner , Liese Schartner																								
Balzer , Friedrich																								

 CONSELHO ESCOLAR.

 DIRETOR DA ESCOLA.

As questões apresentadas no questionário, sempre esclarecendo que se referiam ao Conselho Escolar foram:

- "O Conselho Escolar muitas vezes toma decisões sem saber realmente o que está acontecendo".

Opções de resposta:

- "Concordo plenamente"
- "Concordo parcialmente"
- "Discordo parcialmente"
- "Discordo totalmente"

E quanto a aquiescência à autoridade:

- "Com que frequência o senhor revolta-se contra algumas normas escolares que tentam lhe dizer como educar seus filhos?"

- "Nunca"
- "Quase nunca"
- "De vez em quando"
- "Frequentemente"
- "Sempre".

No caso do Conselho Escolar usou-se a variável nível de escolaridade para determinação das classes de respostas.

Os níveis de escolaridade encontrados em Witmarsum variam desde o curso Primário incompleto até o curso Supe

rior completo. Foram usadas as denominações Curso Primário, Gi-  
nasial, Normal e Superior porque a pesquisa destinava-se a mem-  
bros adultos do núcleo, e que quando de sua formação escolar  
estavam sujeitos a esta situação.

As médias gerais apresentadas foram de 1,9 para  
a primeira variável, com um desvio padrão de 0,87; e de 3,0  
para a segunda variável, com 0,90 de desvio padrão.

Quadro 5. Média dos escores de percepção da legitimidade e  
de aquiescência à autoridade em relação ao Conse-  
lho Escolar, conforme o nível de escolaridade.

Nível de Escolaridade	Percepção de legi- timidade - médias	Aquiescência à auto- ridade - médias
Primário incompleto	1,9	2,8
Primário completo	2,0	3,4
Ginasial Incompleto	1,6	2,6
Ginasial completo	1,5	3,0
Normal completo	1,8	3,6
Superior completo	2,6	2,7

O nível de correlação verificado entre as duas  
variáveis analisadas foi de  $r=0.14$ , portanto quase inexisten-  
te ou não significativa. Note-se que às médias mais elevadas  
na questão da legitimidade não correspondem as da segunda va-  
riável.

### 3.5. Os Grupos de Dominação

#### 3.5.1. A autoridade

A partir da análise dos três grupos de dominação institucionalizados, no núcleo colonial de Witmarsum, procurou-se estabelecer as correlações existentes entre eles.

Sobre a percepção de legitimidade em relação a esses grupos, obteve-se uma relação a nível de  $p < .05$ , portanto não significativo; enquanto que para a segunda variável, ou seja de aquiescência à autoridade, a relação mostrou-se significativa  $p > .05$  a nível de  $.05$  e mesmo a nível de  $.01$  ( $p > .01$ ). Isto confirma os resultados obtidos separadamente em cada um dos grupos.

Quanto à concentração de poder nas três fases analisadas, mostra existência de correlação entre os três grupos, e aqui considerando-se o Conselho da Congregação separadamente para cada Igreja.

Os maiores níveis de correlação  $r = 1.0$  foram observados entre o Conselho Escolar e a Cooperativa e ainda entre o Conselho Escolar e o Conselho da Congregação da Igreja Menonita.

Isto vem confirmar, no primeiro caso, uma situação já prevista, face à influência do Conselho da Cooperativa sobre o Conselho Escolar. E mostra uma relação significa-

tiva entre o Conselho Escolar e o Conselho da Congregação da Igreja Menonita; o que não acontece, pelo menos a esse nível de significância em relação ao Conselho da Congregação da Igreja Irmãos Menonitas, em que a correlação existente é de  $r=0.50$ .

Ao se realizar o mesmo tipo de análise entre o Conselho da Cooperativa e o Conselho da Igreja Menonita, obteve-se uma correlação de  $r=0.94$ , indicando nível de significância acentuada. Enquanto que o nível encontrado na correlação entre o Conselho da Cooperativa e o Conselho da Congregação da Igreja Irmãos Menonitas foi de  $r=0.88$ , mostrando ser muito significativo, porém em menor intensidade que no caso da outra Congregação.

Portanto o nível de correlação entre a concentração de poder, nas três fases dadas, e entre os grupos de dominação no núcleo colonial, é altamente significativo; e com o Conselho da Congregação da Igreja Irmãos Menonitas apresentando menor nível em relação aos demais.

Pode-se então analisar a percepção de legitimidade e a aquiescência à autoridade, de uma mesma maneira ou de forma geral para os grupos institucionalizados de dominação no núcleo colonial.

Como pois interpretar esta situação em que a aquiescência à autoridade mostra-se mais significativa que a per

cepção da legitimidade dos grupos de dominação? E isto não só em termos gerais como também nas médias de cada grupo.

Desde que as variáveis envolvidas se referem ao indivíduo frente aos grupos de dominação, deve-se tentar a explicação através do seu sistema ético - religioso. Como já foi verificado, a ética religiosa nos grupos ascéticos, é válida em qualquer situação da vida do indivíduo. A relação entre religião e conduta ou comportamento deve ser harmônica, porque como acentua Freund, seria impossível encontrar-se uma religião baseada na magia e superstição e um comportamento racional, ou uma conduta econômica que repousa no desencanto do mundo. (75)

A crença, a fé, entre os menonitas é considerada uma decisão pessoal e voluntária do indivíduo e que envolve uma continuidade de comportamento em todas as situações da vida. Esse comportamento, segundo Samuel Gerber, envolve liberdade e obediência, e esta liberdade significa "ser capaz de". O reconhecimento dos próprios direitos e dos direitos do outro, a individualidade acentuada, que de certa forma justifica o resultado da análise sobre a percepção da legitimidade. (76)

---

(75) FREUND, Julien. L'éthique économique des religions mondiales selon Max Weber. In: BERNARD, Philippe. Protestantisme et capitalisme. Paris, Armand Colin, 1970. p.114.

(76) GERBER, Samuel. Freedom and obedience. In: DYCK, Cornelius J. The witness of the Holy Spirit. Amsterdam, July 23-30, 1967. p.36.

Porém, ao mesmo tempo, esta ética envolve um conceito de obediência, de não resistência que favoreceu e tem preservado a condição de vida em comunidades, entre os menonitas. Uma vida de obediência, porém consciente e voluntária. Isto não invalida as variações encontradas entre as categorias tomadas em cada caso.

### 3.5.2. A formação dos grupos de dominação

Finalmente pode ser analisada a formação desses grupos institucionalizados de dominação.

Para este fim, foi verificada a variável determinante proposta na hipótese deste trabalho. Assim, cada grupo de dominação institucionalizado teve sua formação analisada separadamente, em termos de indivíduos que apresentassem maior índice da participação no processo decisório, em cada uma das três fases.

O tamanho médio de propriedade verificado, no caso do Conselho Administrativo e do Conselho Fiscal da Cooperativa, foi de 98,0 hectares, portanto maior que o tamanho médio da propriedade no núcleo, ou seja 58,8 hectares. Embora, aproximadamente 60% das propriedades dos membros dos Conselhos tomados para análise, estivesse entre 30 a 110 hectares, e ainda 25% entre 40 e 50 hectares.

Além disto, as propriedades consideradas grandes em termos do núcleo colonial de Witmarsum estão incluídas nes

te cálculo, pois pertencem a membros do Conselho, durante as duas primeiras fases. Se forem excluídas do cálculo duas propriedades com mais de 300 hectares, portanto atípicas, esta média é reduzida para 75,3 hectares.

O tamanho médio da propriedade dos membros analisados dos Conselhos das Congregações, é de 60,3 hectares para a Igreja Irmaos Menonitas e de 62,0 hectares para a Igreja Menonita; portanto, próximos ao tamanho médio do núcleo.

Esta média é reduzida para 47,7 hectares para os membros analisados do Conselho Escolar.

Outras variáveis analisadas para caracterização dos membros desses grupos e que não apresentaram diferenças significativas foram: a participação nas sessões religiosas (entre as duas Congregações do núcleo), com pequena diferença em relação à Igreja Menonita; sexo e estado civil, pois todos os membros analisados são homens e casados na quase totalidade. As ligações de parentesco também são inexpressivas apesar do número de habitantes do núcleo.

A faixa etária dos 25 aos 45 anos, apresenta uma concentração de aproximadamente 70% em todos os casos analisados, isto em se considerando a data de início da participação de indivíduo em cada grupo de dominação.

Quanto ao fato de participação em mais de um grupo de dominação simultaneamente é pouco frequente, em não se

considerando a participação já determinada de membros do Conselho Administrativo e do Conselho Fiscal da Cooperativa, no Conselho Escolar.

Quanto à possibilidade de surgimento de uma dominação não institucionalizada, esta foi verificada através também do questionário respondido pelos membros do núcleo. Os entrevistados foram questionados sobre a realização de maior importância no núcleo; e sobre o responsável por ela.

Quadro 6. Realização de maior importância no núcleo e seu responsável, conforme opinião dos membros deste.

Realização de maior importância	Pedro Sawatzky %	Governo do Paraná %	Hans G. Kliewer %	Diretoria da Cooperativa %	Hans Boldt %	Outros %
Usina de Laticínios	24,2	-	4,8	11,3	8,0	1,6
Asfaltamento da via de entrada	3,2	11,3	-	4,8	-	4,8
Sementeira	-	-	-	4,8	-	-
Obras sociais	-	-	1,6	-	-	3,2
Outros	3,2	-	3,2	3,2	1,6	4,8
TOTAL	30,6	11,3	9,6	24,1	9,6	14,4

Verifica-se que o maior percentual ( Sr. Pedro Sawatzky) coincide com o fato de ocupar o cargo de Diretor-Presidente da Cooperativa quando da construção da Usina de Laticínios e do asfaltamento da via de entrada do núcleo. As outras respostas (não foram sugeridas opções de resposta para estas questões) coincidem sempre com pessoas que ocupam ou ocuparam cargos no Conselho Administrativo da Cooperativa. E ainda nota-se a opção "Governo do Paraná" em relação ao asfaltamento da via de entrada; portanto a consciência da relação do núcleo com os grupos de dominação política do Estado.

Esta questão de participação de membros nos grupos de dominação "de fora" do núcleo, foi verificada através da opinião pessoal dos entrevistados sobre a atuação de um de seus membros, vereador no Município de Palmeira. Entretanto, o desconhecimento da forma de atuação e mesmo a desconfiança aparecem significativamente.

Este fato pode estar ligado à primitiva ética religiosa menonita, de não participação em cargos públicos; mas, por outro lado a existência do vereador embora ainda não totalmente aceita pode ser indício de modificação do grupo, por contato com a sociedade local.

Ainda analisando o grupo de dominação da Cooperativa, em relação aos estágios administrativos pelos quais passa uma cooperativa, segundo Albert Meister (citado no iní

cio deste estudo), a administração neste caso analisado estaria no terceiro estágio, ou seja, a forma de democracia delegada se estende a todas as atividades do grupo, a partir da cooperativa.

Assim, o indivíduo membro dos grupos de dominação, está, em termos econômicos (aqui a propriedade da terra tomada como base) perto da média do núcleo, correção feita no caso da Cooperativa. Se, no entanto, o Conselho da Cooperativa representa o poder decisório em termos econômicos, isto pode talvez estar relacionado com um interesse maior demonstrado por indivíduos com maiores propriedades, em participar deste processo.

Se então fosse possível traçar o "tipo ideal" de indivíduo membro dos grupos de dominação no núcleo colonial de Witmarsum, este homem seria casado, teria uma propriedade de 67 hectares, 35 anos, frequentaria semanalmente as sessões de culto de uma das Congregações Religiosas.

Na tentativa de analisar todos esses dados empíricos frente ao referencial teórico deste estudo, nota-se que o tipo de dominação exercida pelos grupos institucionalizados do núcleo colonial, não é e não poderia ser de um "tipo puro".

Não é um tipo carismático puro, no sentido weberiano, por não apresentar indícios de instabilidade, de dominação total e pela não constatação de uma percepção inquestio-

nável da legitimidade dos grupos de dominação. (77)

Nem mesmo pode ser considerado um tipo de dominação tradicional, porque pelas variáveis analisadas não se verifica uma crença no caráter inequívoco das determinações dos grupos de dominação; nem em tradições gerontocráticas; e nem mesmo um caráter de ligação pessoal ou de parentesco entre seus membros. (78)

Não poderia também ser caracterizada como dominação legal, um tipo ideal na denominação de Max Weber. Na verdade não existe uma qualificação profissional exigida para o exercício dos cargos, e as características burocráticas aqui não são encontradas. (79)

Pode-se, no entanto, encontrar indícios dos três tipos de dominação, como demonstra Weber em sua teoria.

Em um núcleo colonial, em que todos os membros se conhecem, o indivíduo deve demonstrar qualificações para participar do processo decisório. (80) A coesão do grupo, mantida pela preservação de tradições do modo de viver dos me-

---

(77) WEBER, Max. Economia y Sociedad; esbozo de sociologia comprensiva. México, Fondo de Cultura Económica, 1969. v.1 p.193.

(78) Ibid. p.180

(79) Ibid. p.173

(80) FROMM, Erich e MACCOBY, Michael. Caráter social de uma aldeia; un estudo sóciopsicanalítico. Rio de Janeiro, Zahar, 1972. p.95.

nonitas, mostra-se presente na permanência por períodos de tempo longos dos grupos de dominação, em se tratando de Conselhos de Cooperativas; estando este fator também presente no Conselho das Congregações, pela própria ética-religiosa e que inspira o comportamento dos membros do núcleo.

Enfim, a separação racional entre os fins e atribuições de cada grupo, e principalmente o sancionamento social dos cargos, pelas eleições regulares, mostra indícios do tipo de dominação legal. E ainda aqui, a legitimidade dos grupos de dominação repousa na crença de sua legalidade; a aquiescência às determinações da autoridade existe por serem estas consideradas legais, e o que é feito legalmente é considerado legítimo. (81)

---

(81) DAHL, Robert A. A moderna análise política. Rio de Janeiro, Lidaador, 1970. p.48.

#### 4. CONCLUSÃO

A conclusão de uma dissertação tem sempre um caráter relativo, nunca definitivo, pela própria razão de ser da ciência e do pesquisador.

Quando se procurou analisar a formação de grupos de dominação, procurou-se sempre buscá-la não através de uma variável única, ou na rigidez de um quadro teórico, o que não seria mesmo concebível em se tratando da teoria de Max Weber.

Portanto, o que se configura é um quadro com três situações bem definidas, e que não permitem, mais uma vez, o estabelecimento de um "tipo ideal" que defina-as todas.

A situação verificada aproxima-se certamente do tipo de dominação legal, muito mais no tocante ao Conselho de Cooperativa do que ao Escolar, e ainda menos no que se refere às Congregações; estas possuem uma dosagem mais acentuada do componente tradição.

Mas, em se tratando de tipificar para fins de análise, estes grupos de dominação só aparecem em situações como

esta do núcleo colonial, em que todos se conhecem e convivem. A oposição sempre existe e a legitimidade da dominação pode ser sempre questionada, porém está presente. Por isso mesmo, a dominação carismática como tipo ideal puro é rara nestas circunstâncias, embora os membros dos grupos de dominação sejam, de certa forma, pessoas que conseguem destaque nas suas próprias realizações econômicas, ou de outro caráter.

O caso do Conselho Escolar é talvez, a mais difícil de se configurar pelo domínio exercido, pelo menos teoricamente pelo Conselho da Cooperativa.

Mas, os grupos de dominação no núcleo colonial de Witmarsum possuem os três tipos citados por Weber: a dominação tradicional, carismática e legal. O que varia é a intensidade destes em cada um dos Conselhos analisados, como seria esperado, e de acordo com o próprio quadro teórico que orientou este estudo.

Isto estaria de acordo com o tipo de sistema econômico desenvolvido pelo grupo, capitalista; e ainda com a ética que dirige o comportamento do indivíduo. O membro do núcleo colonial tem plena consciência de seus direitos e de sua individualidade; a dominação estabelecida, não questionada seria impossível ali.

Deve-se notar que estas conclusões de forma alguma devem ser estendidas a comunidades com características diversas das do núcleo.

O que deve ser retido, para futuras análises, é que a partir da Cooperativa, com a introdução de associados de fora do núcleo, alguma modificação será introduzida nas formas de dominação deste, e da região, pelo menos a médio prazo.

## 5. INFORMAÇÃO BIBLIOGRÁFICA

AAGE, Hans. L'égalité dans les communautés utopiques. Cahiers Internationaux de Sociologie, Paris, 21(56):127-38, Jan./Jun. 1974.

ALLISON, Paul D. Measures of inequality. American Sociological Review, Albany, N.Y. 43(6):865-80, Dec. 1978.

BALAN, Jorge. Migrações e desenvolvimento capitalista no Brasil; ensaio de interpretação histórico-comparativa. In: Centro e periferia no desenvolvimento brasileiro. São Paulo, Difusão Europeia do Livro, 1974. Corpo e Alma do Brasil. 251p.

BALDWIN, John e BALDWIN, Janice I. Behaviorism on Verstehen and Erklären. American Sociological Review, Albany, N. Y. 43(3):335-47, jun. 1978.

BALHANA, Altiva P. et alii. Campos gerais; estruturas agrárias. Curitiba, Universidade Federal do Paraná, 1968. 268p.

BARTHELMESS, Artur. Ocupação e organização do Paraná velho. Boletim Paranaense de Geografia, Curitiba, (6 e 7):42-63, mar. 1962.

BATES, Frederick L. e BACON, Lloyd. The community as a social system. Social Forces, Chapel Hill, N.C. 50(3):371-9, mar. 1972.

- BENDIX, Reinhard. Inequality and social structure: a comparison of Marx and Weber. American Sociological Review, Albany, N.Y. 39(2):149-61, Apr. 1974.
- \_\_\_\_\_. Max Weber. Buenos Aires, Amorrortu, 1970. 462 p.
- BESNARD, Philippe. Protestantisme et capitalisme; la controverse post-weberienne. Paris, Armand Colin, 1970. 426p.
- BLALOCK JR., Hubert M. Social statistics. 2.ed. New York, McGraw-Hill, 1972. 583p.
- BLAU, Peter M. et alii. The structure of small bureaucracies. American Sociological Review, Albany, N.Y. 31(2): 179-91, Apr.1966.
- CARDOSO, Ciro Flamarion S. e BRIGNOLI, Héctor Perez. Os métodos da história; introdução aos problemas, métodos e técnicas da história demográfica, econômica e social. Rio de Janeiro, Graal, 1979. 530p.
- CLARK, Terry Nichols. Community power. Annual Review of Sociology, Palo Alto, California, 1: 271-95, 1975.
- CLEGG, Stewart. Power, theorizing, and nihilism. Theory and Society, Amsterdam, 3(1):65-87, Spring, 1966.
- COURGEAU, Daniel. Migrants et migrations. Population, Paris, 28(1):95-129, janv./fév. 1973.
- CUADERNOS MENONITAS. Buenos Aires, 4, 1975.
- DAHL, Robert A. A moderna análise política. Rio de Janeiro, Lidador, 1970. 167p. Societas, 1.
- DAVIS, Wallace M. (trad. e intr.). Anti-critical last word on "The Spirit of Capitalism" by Max Weber. American Journal of Sociology, Chicago, 83(5):1105-131, mar.1978.

- DE MORO, Luí's. Coordenação de leis de imigração e colonização do Brasil. Rio de Janeiro, Instituto Nacional de Imigração e Colonização, 1960. 320p.
- DYCK, Cornelius J. The lordship of Christ; proceedings of the seventh mennonite world conference. Kitchner, Ontario, Canadá, August 1-7, 1962.
- The witness of the Holy Spirit; proceedings of the eighth mennonite world conference Amsterdam, July 23-30, 1967.
- EPP, Frank H. Mennonite exodus; the rescue and resettlement of the russian mennonites since the communist revolution. Altona, Manitoba, Candian Mennonite Relief and immigration Council, 1966.
- FOX, William S. et alii. Authority position, legitimacy of authority, structure, and acquiescence to authority. Social Forces, Chapel Hill, N.C. 55(4):966-73, Jun. 1977.
- FREUND, Julien. Sociologia de Max Weber. Trad. Alberto Gil Navales. 3.ed. Barcelona, Peninsula, 1973.
- FROMM, Erich e MACCOBY, Michael. Caráter social de uma aldeia; um estudo sociopsicanalítico. Trad. Octavio Alves Velho. Rio de Janeiro, Zahar, 1972. 378p.
- GARRETT, Henry E. A estatística na psicologia e na educação. Trad. M.E. Mello Cunha e Renato Rocha. Rio de Janeiro, Fundo de Cultura, 1962. 318p.
- GODELIER, Maurice. Racionalidade e irracionalidade na economia. Rio de Janeiro, Tempo Brasileiro, s.d. 397p.
- HAGEN, Everett E. As origens do desenvolvimento. Trad. Ruy Jungmann. Rio de Janeiro, Forum. 1969. 183p.
- HAMMOND, Phillipe E. and WILLIAMS, Kirk R. The protestant ethic thesis; a social-psychological assessment. Social Forces, Chapel Hill, N.C. 54(3):579-89, Mar.1976.

- HAZELRIGG, Lawrence E. Class, property and authority; Daherndorf's critique of Marx's theory of class. Social Forces, Chapel Hill, N.C. 50(4):473-87. jun.1972.
- IANNI, Octavio. Estudo de comunidade e conhecimento científico. Revista de Antropologia, São Paulo, 9 (1 e 2): 109-19, jun. e dez. 1961.
- INTERNATIONAL ENCYCLOPEDIA OF THE SOCIAL SCIENCES. New York, Free Press, 12:405-15.
- KADUSHIN, Charles. Power, influence and social circles: a new methodology for studying opinion makers. American Sociological Review, Albany N.Y. 33(5):685-99, Oct. 1968.
- KENNEL, LeRoy E. Mennonites; who and why. Scottdale, Pennsylvania, Mennonite Publishing House, 1963.
- KRAHN, Cornelius. Dutch Anabaptism; origin, spread, life and thought 1450-1600. The Hague, Martinus Myhoff, 1968.
- LAUMANN, Edward O. et alii. Community - elite influence structures: extension of a network approach. American Journal of Sociology, Chicago, 83(3):594-631, Nov. 1977.
- \_\_\_\_\_ e PAPPI, Franz Urban. New directions in the study of community elites. American Sociological Review, Albany, N.Y. 38(2):212-30, Apr. 1973.
- LEITE um grande caminho a percorrer. Expressão Econômica do Paraná, Curitiba, 1(10):3-8, jun. 1978.
- LOPREATTO, Joseph e ALSTON, Letitia. Ideal types and the idealization strategy. American Sociological Review, Albany, N.Y. 35(1):88-96, Feb. 1970.
- MACHADO NETO, A.L. L'intersubjectivité de la compréhension. Cahiers Internationaux de Sociologie, Paris, 23(56):43-58, Jan./juin, 1976.
- MAYHEW, Bruce H. System size and ruling elites. American Sociological Review, Albany, N.Y. 38(4):468-75, Aug. 1973.

MCINTOSH, Donald. Weber and Freud: on the nature and sources of authority. American Sociological Review, Albany, N.Y. 35(5):901-11, Oct. 1970.

MEISTER, Albert. Problemas de la autogestión cooperativa y comunitaria. Comunidades, Madrid 1(2):118-51, mayo/ago. 1966.

MENNONITE Confession of faith; adopted by Mennonite General Conference. Scottdale, Pennsylvania, Herald Press, 1963.

OS MENONITAS; nono Congresso Mundial Menonita 18-23 julho. Curitiba, 1972.

MILLER, Jon P. Social-psychological implications of Weber's model of bureaucracy: relations among expertise, control, authority and legitimacy. Social Forces, Chapel Hill, N. C. 49(1):91-102, Sep. 1970.

MOREIRA, Maria Sylvia Franco. O estudo sociológico de comunidades. Revista de Antropologia, São Paulo, 11(1 e 2): 29-39. jun. e dez. 1963.

MOZARÉ, Charles. The application of the social sciences to history. Journal of Contemporary History, London 3(2): 207-15, April 1968.

NOGUEIRA, Oracy. Os estudos de comunidades no Brasil. Revista de Antropologia, São Paulo, 3(2):95-103, dez. 1955.

NUNES, Edson de Oliveira. A aventura sociológica; objetividade, paixão, improviso e método na pesquisa social. Rio de Janeiro, Zahar, 1978. 331p.

OOMMEM, J.K. Rural community power structure in India. Social Forces, Chapel Hill, N.C. 49(2):226-39, Dec. 1970.

PARANÁ. Assembléia Legislativa. Divisão de Documentação Histórica. Anais da Assembléia Legislativa do Estado do Paraná. Curitiba, 3:118, 1951.

Discurso do Dep. Edwino Tempiski. Curitiba, 1:344-54, 1951.

- \_\_\_\_\_. Discurso do Dep. Edwino Tempiski. Curitiba, 3:194-7, 1951.
- \_\_\_\_\_. Mensagem do Governador Bento Munhoz da Rocha Neto. Curitiba, 1:52, 1951.
- \_\_\_\_\_. Mensagem do executivo e ante-projeto de lei de crédito especial. Curitiba, 4:50, 1952.
- PARSONS, Talcott. Comments and replies. American Sociological Review, Albany, N.Y. 40(5):666-70, Oct. 1975.
- \_\_\_\_\_. et alii. Presencia de Max Weber. Buenos Aires, Nueva Vision, 1971. 265p.
- PEREIRA, João Baptista Borges. Italianos no mundo rural paulista. São Paulo, Pioneira, 1974. 192p.
- PERROUX, François. O capitalismo. Trad. Gerson de Souza. 2.ed. São Paulo, Difel, 1970.
- PERRUCI, Robert e PILISUK, Marc. Leaders and ruling elites: the interorganizational bases of community power. American Sociological Review, Albany, N.Y. 35(6):1040-57, Dec. 1970.
- PINHO, Diva Benevides. Sindicalismo e cooperativismo; evolução doutrinária e problemas atuais. 2.ed. São Paulo, Instituto Cultural do Trabalho, 1967. v.1.
- POPE, Whitney et alii. On the divergence of Weber and Durkheim: a critique of Parson's convergence thesis. American Sociological Review, Albany, N.Y. 40(4): 417-27, Aug. 1975.
- PRETTO, Hermelina Maria. O problema da escola brasileira numa comunidade holandesa de São Paulo. Revista de Antropologia, São Paulo, 1(1):29-33, jun. 1953.
- REPÚBLICA FEDERATIVA DO BRASIL. Diário do Congresso Nacional. Discurso do Deputado Igo Losso - Arena Pr. Brasília 32(15), 22 mar. 1977.

- ROCHE, Jean. A colonização alemã e o Rio Grande do Sul. Trad. Emery Ruas. Porto Alegre, Globo, 1969. 2v.
- ROTH, Guenther. Religion and revolutionary beliefs sociological and historical dimension in Max Weber's work - in memory of Ivan Vallier. Social Forces, Chapel Hill, N.C. 55(2):257-72, Dec.1976.
- \_\_\_\_\_. Socio-historical model and developmental theory. American Sociological Review, Albany, N.Y. 40(2) 148-57, Apr. 1975.
- SAITO, Hiroshi e MAEYAMA, Takashi. Assimilação e integração dos japoneses no Brasil. Petrópolis, Vozes, 1973. 558p.
- SALGADO, Fernando Carlos Fonseca. As colônias Bastos e Pedrinhas; estudo comparativo de Geografia Agrária. Presidente Prudente, Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras, 1971.
- SANDERS, Irwin T. e LEWIS, Gordon F. Rural community studies in the United States: a decade in review. Annual Review of Sociology, Palo Alto, California, 2: 35-53, 1976.
- SCHWARTZENBERG, Roger-Gérard. Sociologia política; elementos de ciência política. Trad. Domingos Mascarenhas. São Paulo, Difel, 1979. 696p.
- SMITH, T. Lynn. Observaciones sobre el estudio sociológico de la cooperación. Comunidades, Madrid, 1(2):152-61, mayo/ago. 1966.
- SPEIGHT, John F. Commentary on Dommen's rural community power structure in India. Social Forces, Chapel Hill, 50(2):261, Dec.1971.
- STINCHCOMBE, Arthur L. Agricultural enterprise and rural relation. In: FINKIE, Jason L. e GABLE, Richard W. Political development and social change. 2.ed. New York, John Wiley, 1971. 685p.

VERHAEGEN, Benoit. Introduction à l'histoire immédiate; essai de méthodologie qualitative. Gembloux, Belgique, Duculot, 1974. 200p.

WAIBEL, Leo Weinrich. Princípios de colonização européia no sul do Brasil. Revista Brasileira de Geografia, 11(2): 159-222, 1949.

WALTON, John. Discipline, method, and community power: a note on the sociology of knowledge. American Sociological Review, Albany, N.Y. 31(5):684-9, Oct. 1966.

WARREN, Roland L. Toward a non-utopian normative model of the community. American Sociological Review, Albany, N.Y. 35(2):219-28, Apr. 1970.

WEBER, Max. Ciência e política; duas vocações. Trad. Leonidas Hegenberg e Octany Silveira da Mota. 2.ed. São Paulo, Cultrix, 1972. 124p.

\_\_\_\_\_. Ensaio de sociologia. Trad. Waltensir Dutra. 3.ed. Rio de Janeiro, Zahar, 1974. 530p.

\_\_\_\_\_. Ensaio de sociologia; e outros estudos. São Paulo, Abril Cultural, 1974. Os pensadores, 37. 270p.

\_\_\_\_\_. Ensayos sobre metodologia sociológica. Trad. Jose Luis Etcheverry. Buenos Aires, Amorrortu, 1973. 268p.

\_\_\_\_\_. Economia y sociedad; esbozo de sociologia comprensiva. Mexico, Fondo de Cultura Económica, 1969. 2. v.

\_\_\_\_\_. A ética protestante e o espírito do capitalismo. Trad. M. Irene Szmereczanyi e Tomas Szmerecsanyi. São Paulo, Pioneira, 1967. 233p.

\_\_\_\_\_. História geral da economia. Trad. Calógeras A. Pajuaba. São Paulo, Mestre Jou, 1968. 367p.

\_\_\_\_\_. Roscher and Knies; the logical problems of historical economics. Trad. Guy Oakes. New York, Free Press, 1975. 294p.

\_\_\_\_\_. Sobre a teoria das ciências sociais. Trad. Carlos Grifo Babo. 2.ed. Lisboa, Presença, 1977. 192p.

\_\_\_\_\_. The theory of social and economic organization. Trad. A.M. Henderson e Talcott Parsons. New York, Free Press, 1964. 436p.

WILLIAMS, James M. The ecological approach in measuring community power concentration: an analysis of Hawley's MPO ratio. American Sociological Review, Albany, N.Y. 38(2): 230-42, Apr. 1973.

WILLENS, Emílio. Mudanças estruturais em comunidades camponesas de cinco países europeus. Revista de Antropologia, São Paulo, 8(2): 113-32, dez. 1960.

WITMARSUM - 25 anos. Apostila de Comemoração aos 25 anos do núcleo.

ZIMMERMANN, H.P. O Paraná; grande atrativo para a colonização. O Estado do Paraná, Curitiba, 14 maio 1973. p.9 c.2.